



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

CURSO DE PEDAGOGIA

LOYANE NUNES DE ASSIS

**LUDICIDADE, BRINCADEIRAS E JOGOS:
OBSERVAÇÕES, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS EM
ESTÁGIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BRASÍLIA – DF

2023

LOYANE NUNES DE ASSIS

**LUDICIDADE, BRINCADEIRAS E JOGOS:
OBSERVAÇÕES, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS EM
ESTÁGIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá.

BRASÍLIA – DF

2023

Assis, Loyane Nunes de
LUDICIDADE, BRINCADEIRAS E JOGOS: OBSERVAÇÕES, PERCEPÇÕES E
PRÁTICAS EM ESTÁGIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
/ Loyane Nunes de Assis; orientador Antônio Villar Marques
de Sá. -- Brasília, 2023.
74 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Ludicidade. 2. Brincadeiras. 3. Jogos. 4. Ensino
Fundamental. 5. Inclusão. I. Sá, Antônio Villar Marques de,
orient. II. Título.

LOYANE NUNES DE ASSIS
Matrícula: 18/0125451

**LUDICIDADE, BRINCADEIRAS E JOGOS:
OBSERVAÇÕES, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS EM
ESTÁGIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Antônio Villar Marques de Sá
Orientador – MTC – FE – UnB

Professora Doutora Lygianne Batista Vieira
Examinadora – MTC – FE – UnB

Professora Mestra Milene de Fátima Soares
Examinadora – PGE – FE – UnB

BRASÍLIA – DF
2023

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, autor da minha vida; à minha mãe Sirlene, ao meu pai Antonio e à minha irmã Ló, pelo amor e dedicação. Também dedico esse trabalho para todas as crianças do mundo, em especial, para Lucas (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me deu a vida e sempre foi a minha maior força, o motivo de conseguir chegar até aqui e sem ele nada eu seria. Agradeço pelo amor e misericórdia derramados sobre minha vida.

Aos meus pais, Sirlene e Antônio, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos mais felizes e nos mais difíceis, me apoiando, lutando por mim e pela minha educação, com humildade, honestidade e fé, fizeram-me melhor. A vocês, razão da minha vida e conquistas, todo o amor e a gratidão que existem em mim.

À minha irmã, que chamo de Ló, por me ensinar a amar, a acreditar e a ser paciente, por me motivar a não desistir, por nunca me deixar sozinha. Sempre irei amá-la.

Ao Lucas, meu amigo de infância, que faleceu quando eu tinha 12 anos, sua presença foi mais que essencial em minha vida.

Ao meu orientador e professor, Antônio Villar Marques de Sá, que me auxiliou, me instruiu e compartilhou comigo seus ensinamentos, contribuindo de maneira grandiosa com o meu desenvolvimento pessoal e com a elaboração desse trabalho de conclusão de curso. Sempre guardarei os aprendizados doados para mim, com gratidão e admiração.

Aos professores dessa longa caminhada educacional, que me possibilitaram chegar até aqui, transmitindo seus conhecimentos e contribuindo para minha formação. Um agradecimento especial às professoras Lygianne Batista Vieira e Milene de Fátima Soares, por participarem da Banca Examinadora e pelas contribuições na elaboração final do texto.

À minha amiga de jornada, Marcela, que me acompanhou do início ao fim da graduação, dando força, conselhos, ânimo, momentos de paz e alegria. Jamais irei esquecer detudo que vivemos até aqui.

Aos meus familiares, que sempre acreditaram em mim, dando palavras de esperança e conforto.

Ao meu namorado, Pedro, que sempre me motivou e acreditou em mim, me apoiou e entendeu minhas ausências, em meio a dificuldades me proporcionou momentos de calma e amor.

Não se pode falar de educação sem amor.

Paulo Freire

RESUMO

ASSIS, Loyane Nunes de. **Ludicidade, brincadeiras e jogos: observações, percepções e práticas em estágios nos anos iniciais do ensino fundamental**. 74 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

O presente trabalho de conclusão de curso de graduação em Pedagogia resultou de pesquisa bibliográfica e documental descritiva quanto a discussão de temas e de observações participantes sistematizadas e ações práticas de aprendizagem em estágios obrigatórios. Teve como objetivo principal analisar e perceber práticas didáticas e educativas vivenciadas no processo de desenvolvimento dos estudantes nos anos iniciais do Ensino fundamental. Investigou a contribuição do ensino lúdico através de jogos e brincadeiras, que oportunizam uma educação mais leve, significativa e democrática, possibilitando, também, a inclusão dos estudantes em todas as atividades realizadas. Ressaltou a importância da escuta sensível e da educação amorosa vinculada à aprendizagem escolar, e buscou evidenciar a atenção dos professores para estas questões, servindo de referência conceitual às práticas pedagógicas não somente na Educação infantil, mas também, nos anos iniciais do Ensino fundamental. Por fim, foram observadas ações educativas lúdicas e seus efeitos no desenvolvimento dos estudantes, a inclusão escolar, a educação amorosa e emancipatória e o uso do livro didático. O estudo analisou impasses que dificultam o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes e discutiu assuntos que facilitam a construção pelos escolares de valores morais, éticos, sociais e críticos.

Palavras-chave: Ludicidade; Brincadeiras; Jogos; Ensino fundamental; Inclusão.

ABSTRACT

ASSIS, Loyane Nunes de. **Ludicity, plays and games: observations, perceptions and practices in internships in the early years of elementary school.** 74 p. Final paper (Graduation in Pedagogy) - Faculty of Education, University of Brasília, Brasília, 2023.

The present work for the conclusion of the graduation course in Pedagogy evolved from descriptive bibliographical and documentary research regarding the discussion of themes and observation of systematized participants and learning actions in incentives. Its main objective was to analyze and perceive didactic and educational practices experienced in the development process of students in the early years of elementary school. It investigated the contribution of ludic teaching through games and plays, which provide a lighter, more meaningful and democratic education, also allowing the inclusion of students in all activities carried out. Highlighted the importance of sensitive listening and kind education linked to school learning, and searched to highlight teachers' attention to these issues, serving as a conceptual reference to pedagogical practices not only in early childhood education, but also in the early years of elementary school. Finally, were observed ludic educational actions and their effects on student development, school inclusion, kind and emancipatory education and the use of textbooks. The study analyzed impasses that hinder the cognitive development of learners and discussed subjects that facilitate the construction of moral, ethical, social and critical values by students.

Keywords: Ludicity; Plays; Games; Elementary School; Inclusion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Gralha azul	57
Ilustração 2. Gralha azul 2	58
Ilustração 3. Painel de atividades – uvas.	58
Ilustração 4. Cacho de uva Criança1	59
Ilustração 5. Gauchinho Criança1	60
Ilustração 6. Gauchinho.	60

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO	14
1.1 Educação infantil	15
1.2 Ensino fundamental	15
1.3 Ensino médio	18
1.4 Ensino superior	20
PARTE 2 LUDICIDADE E CONEXÕES: ASPECTOS TEÓRICOS	24
2.1 Ludicidade	24
2.2 Brincar	28
2.3 Jogar	33
2.4 Inclusão	39
PARTE 3 MINHA PRÁTICA	44
3.1 Estágio 1	44
3.2 Estágio 2	50
3.2.1 Percepções acerca do uso do livro didático	53
3.2.2 Percepções acerca da inclusão no espaço escolar	56
3.2.3 Percepções acerca da educação lúdica, dos jogos e das brincadeiras	62
3.2.4 Prática pedagógica utilizando o jogo	65
PARTE 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
PARTE 5 PERSPECTIVAS FUTURAS	67
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE	72

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Pedagogia teve como objetivo geral analisar e perceber práticas lúdico-didáticas e educativas vivenciadas no processo de desenvolvimento dos estudantes nos anos iniciais do Ensino fundamental. Seus objetivos específicos foram:

- Investigar a contribuição do ensino lúdico através de jogos e brincadeiras, que oportunizam uma educação mais leve, significativa e democrática.
- Observar ações educativas lúdicas e seus efeitos no desenvolvimento dos estudantes, na inclusão escolar e no uso do livro didático.
- Apresentar experiências e percepções sobre a construção de valores morais, éticos, sociais e críticos no desenvolvimento cognitivo dos aprendizes.
- Ressaltar a importância da escuta sensível e da educação amorosa e emancipatória vinculadas à aprendizagem escolar.

Para atingir esses objetivos e contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma análise bibliográfica e documental, além de utilizar meus relatórios de estágios, que também foram descritos e analisados. Na época, foram realizadas observações participantes, que visavam acompanhar professores e aprendizes, além de preparação e desenvolvimentos de parte da aula.

Este TCC está dividido em cinco partes:

O memorial educativo, onde apresento minha família e minhas raízes, sobretudo vivências da minha infância, relato também processos educacionais, desde a entrada na escola até a Universidade, descrevendo de maneira simples, as experiências vividas por mim, que me constituem e me completam por onde quer que eu vá, e momentos que marcaram minha vida.

Na pesquisa teórica, procuro entender mais sobre como ensinar de forma leve, divertida e significativa, através de jogos, brincadeiras e a ludicidade, além de refletir qual o impacto que o lúdico possui nos processos de ensino e aprendizagem. Abordando também sobre a inclusão. Ela é baseada na análise bibliográfica de: Kishimoto (1998, 2009, 2010), Luckesi (2002, 2014), Vigotski (1989, 2007, 2008), Base Nacional Comum Curricular (2018), Constituição da República Federativa do Brasil (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), Currículo em Movimento do Distrito Federal, Ensino Fundamental (2018), entre outros.

A pesquisa prática, que é composta da descrição dos estágios obrigatórios, contendo observação participante e sistematizada, relata momentos relevantes sobre as temáticas e as realidades vivenciadas no contexto escolar. Ocorreu em duas escolas diferentes da rede pública do Distrito Federal em períodos distintos. As visitas foram feitas semanalmente, participando do cotidiano escolar e das atividades juntamente com as crianças e as professoras. São relatados aqui, pontos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa. Além de uma descrição sincera dos momentos vivenciados.

Nas últimas duas partes deste trabalho, são ressaltadas as minhas considerações finais e as perspectivas, contendo objetivos, planos e metas para o futuro, considerando formação acadêmica e pessoal. Concluo com as Referências utilizadas ao longo da investigação e com o Apêndice, onde é apresentada uma atividade desenvolvida com os estudantes.

PARTE 1 MEMORIAL EDUCATIVO

Eu me chamo Loyane Nunes de Assis, tenho 22 anos e vou contar um pouco sobre minha história de vida, trajetória escolar e acadêmica. Nasci em Brasília, DF, dia 15 de janeiro de 2000 no Hospital Regional de Taguatinga. Sou filha de um casal, Sirlene Nunes e Antônio Geilson, tenho apenas uma irmã, Lorrany. Fui criada no seio de uma família amorosa, carinhosa e muito cuidadosa, sempre tive apoio familiar.

Minha mãe e meu pai, nordestinos. Minha mãe nasceu no interior de uma cidade da Bahia, chamada Santa Rita de Cássia, na roça. Quando pequena, minha avó a deixou com seus irmãos onde moravam no cuidado de seus avós e saiu em busca de melhores condições. Ela cresceu e viveu toda a infância neste lugar com seus avós, que, em meio a tantos impasses, cuidaram de todos os netos com muito amor e dedicação para que nada faltasse. A vida era árdua, não tendo um pai presente foi ainda mais. A sobrevivência na roça era de muita luta, mas ao mesmo tempo de grandes alegrias. Aos treze anos, veio para Brasília com sua tia, com diversas adversidades, já que aqui não tinham moradia e o emprego era complicado, no meio desses impasses minha mãe não conseguiu concluir os estudos, logo arrumou um emprego para ajudar em casa.

Meu pai nasceu no Rio Grande do Norte, aos dois anos veio para Brasília com seus pais em busca de melhorias também. Aos doze começou a trabalhar para ajudar a manter a família, o que dificultou seus estudos e acabou por interrompe-los.

Aos 17 anos se conheceram e desde então estão juntos até hoje, em todo momento lutaram muito para que eu e minha irmã tivéssemos tudo que é necessário para uma boa vida, além de muito amor e dedicação. Priorizando a cada instante os nossos estudos, pois valorizam muito a educação e tinham sonho que as filhas se formassem. Devido à luta e aos esforços desse casal, nunca passamos dificuldades e vivemos uma boa vida, infelizmente o que não foi e não é a realidade de diversas famílias. Meus pais conquistaram tudo juntos.

Tive uma infância tranquila, na qual eu podia brincar e me divertir sem me preocupar com outras coisas, tinha tempo para tudo, para sorrir e também chorar. Na infância aproveitei muito, tinha muitos amigos, brincava com diversas crianças, isso fez me relacionar e entender as diferenças desde pequena. Era uma criança muito independente, pois meus pais me ensinaram essa lição, além de ensinamentos de amor ao próximo, justiça e igualdade. Sempre tive contato com o passado dos meus pais o que me fez ser quem eu sou hoje e me transforma todos os dias como pessoa.

1.1 Educação infantil

Eu e minha irmã sempre estudamos em escola pública, todas situadas no Recanto das Emas, cursei o Ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 101, e o Ensino médio no Centro de Ensino Educacional 104 onde me formei.

Vou relatar processos educativos de toda minha vida escolar. Decidi organizar este memorial a partir de períodos escolares, como Educação infantil, Ensino fundamental, Ensino médio e Ensino superior.

Entrei na escola com 6 anos de idade e meu primeiro ano foi assustador, em especial o meu primeiro dia. Sempre fui muito apegada a minha mãe e sempre tive medo de perdê-la, era um pavor eterno que permanece em mim até hoje. No meu primeiro dia eu estava aflita e com medo, era como se estivesse entrando na vida adulta, eu me lembro perfeitamente, estava me achando adulta com aquela separação de algumas horas apenas. Minha mãe me levou até o portão da escola e ali eu sentia um misto de sentimentos, o medo de ser deixada ali sozinha e a ansiedade de me tornar independente o mais rápido possível. Entrei pelo portão e quando vi aquela grade fechar foi um pavor surreal, chorei, esperneeiei e soluzei para não ser abandonada naquele lugar.

Como já dito anteriormente eu estudava no Centro de Ensino Fundamental 101 do Recanto das Emas, e na tradição daquela escola todos os alunos cantavam musiquinhas no pátio antes de irem para sala com a professora, nesse dia foi exatamente assim, depois da música que nem cantei de raiva fomos para a sala. Sentei perto da professora e eu simplesmente a amei de todo coração. Foi a professora da minha vida, naquele momento eu não a via somente como educadora, mas como acolhedora e com grande afeto. Todo o cuidado, amor e práticas pedagógicas divertidas fizeram com que eu começasse a gostar daquele lugar que era a escola. Comecei querer frequentar o ambiente escolar e fiz minha primeira melhor amiga, era incrível, brincávamos muito, todos os dias levávamos bonecas e lanche para fazer piquenique, foram momentos únicos que guardarei para sempre.

1.2 Ensino fundamental

Sempre tive um bom desempenho escolar, e na primeira série não foi diferente, eu sempre me destacava. Porém, havia algo que não era tão bom assim, em pintar, para ser sincera eu não me achava ruim, eu me esforçava e dava o meu melhor, mas o meu melhor nunca era suficiente nesse quesito, pintava de cima para baixo, de um lado para o outro, rabiscava tudo e no final sempre era zoada por um menino da turma. Aquilo doía tanto em

mim, o menino era muito chato, era a única pedra no meu caminho para quem já tinha encontrado a felicidade de ir à escola. Tive diversos conflitos com ele, que no decorrer do texto vou falar mais sobre.

Nesse mesmo ano, eu me apaixonei por um garoto de minha sala, foi um amor platônico, tudo que ele fazia eu achava lindo e ficava maravilhada. Um dia, eu descobri que ele gostava de mim, e aí que eu fiquei boba. É engraçado lembrar isso, acho que foi minha primeira “paixonite”. O ano letivo foi passando, fui perdendo o medo da escola, continuava com minha falta de habilidades nas pinturas e minha paixão pelo garotinho. Foi um ano bom, gostava da escola, da professora, das minhas amigas e adorava aprender coisas novas. Ao final das aulas, para dar início às férias, fizemos uma apresentação de natal para os pais, era uma música, eu nem sabia cantar, mas ficava gesticulando com a boca só para fazer bonito.

Acabaram as aulas e eu e minhas amigas nos separamos, sem saber que não nos veríamos por tão cedo. Foi um ano bom, repleto de amor, literalmente. Na segunda série do Ensino fundamental a mesma professora me deu aula novamente. Eu continuava aluna destaque, sempre ganhando certificados, tenho vários guardados até hoje, desde pequena enxerguei uma problemática nesses certificados, na qual gerava grande frustração em que não os obtinha, auxiliando assim, uma exclusão e desconforto de alunos que tinham mais dificuldades de aprendizagem. Dando continuidade, fiquei muito feliz ao saber que seria a mesma professora. Minha amiga não estava mais lá, mudou de escola, e então conheci minha segunda melhor amiga. Com minha professora preferida, e a única que tinha tido contato até então, e outra melhor amiga, foi um bom ano novamente.

Na terceira série, uma mudança extraordinária aconteceu, a professora não estava mais lá, foi um baque pra mim. O medo do começo voltou tudo de novo, pois eu já era acostumada com ela. A nova professora chegou e eu a odiava, aliás, todos os outros estudantes também, já que muitos eram os mesmos dos anos anteriores, então a ideia principal era burlar todos os mandamentos dela e não fazer as atividades, afim de que ela desistisse da gente. Crianças com 7, 8 anos com esse plano, que maldade... O tempo foi passando e, cada vez mais, pecávamos no nosso plano. Ela era adorável e persistente, um amor, se dedicava tanto por nós, ensinava de maneira divertida, leve e isso fez com que voltássemos atrás, não resistimos e falhamos ao plano inicial, então ela era a mais nova melhor professora do mundo. Ela explicou sobre a importância da empatia pelas pessoas e como nossas ações afetam o outro, por isso, devemos ser amáveis e respeitosos. Essa experiência me marcou bastante.

Na quarta série, nova professora. Já havia aceitado a ideia de que era necessário aquele distanciamento, foi bem mais fácil aceitar dessa vez.

Na quinta série, tinha vários professores e não só um, foi complicado de entender. Mas fiquei tranquila, entrei na sala, sentei e olhei para trás. Lembra-se do garoto que eu não gostava muito? Pois é, ele estava lá, e sempre sentando perto de mim. Era um pavor, já que desde a primeira série ele me aterrorizava, era persistente na chatice, foi um ano difícil, tive vários conflitos com ele. A sala era inquieta, as aulas eram difíceis de desenvolver, devido à bagunça. Os professores não eram mais tão afetivos, e isso dificultava a relação.

O ano foi se passando, eu continuava aluna destaque, cumprindo todas as atividades, e a sala uma zona. Num certo dia, o garotinho sentou ao meu lado, eu já não estava mais com raiva dele pelo passado, até que no meio desse ano ele estava melhorzinho. Nesse dia, ele ficou me provocando muito e inventou uma brincadeira para provar minha força, que consistia em ele me morder uma vez e eu o morderia depois, quem chorasse perdia. Olhando hoje parece bobeira, mas para mim era uma chance de recuperar minha dignidade diante daquele menino e dos amiguinhos dele, e assim foi feito, eu o mordi (não mordi forte pra não machucar tanto) pensei que ele faria o mesmo, só na brincadeira, mas ele me deu a primeira mordida no braço, doeu, mas não chorei, falei que nem tinha sentido nada, me enchi de ego, ele então deu outra que doeu mais ainda, porém continuei resistindo, e em seguida ele deu outra, nessa eu chorei muito, meu braço sangrou, a professora foi até a mesa e viu, logo chamou nossos responsáveis. No entanto, a culpada da história fui eu, como eu só sabia chorar ele se saiu melhor. Minha tia me pegou na escola e me entendeu depois que expliquei a história, nunca mais sentei perto dele. Esse foi um dos episódios mais marcantes da minha infância escolar, consigo lembrar perfeitamente de tudo. O ano se resumiu a isso, no trauma de uma mordida na escola.

Na sexta série, lembro-me pouco dos professores e, também, de algumas atividades. Em um trabalho sobre a poesia “Filhos” de Vinícius de Moraes, recordo-me que recriamos a poesia em forma de teatro, tiramos nota máxima, foi muito divertido.

Na sétima série, nova escola: fui para o Centro Educacional 104, uma mudança e tanto, novos professores, amigos, vivências. E o ano passou muito rápido.

Oitava série, mesma escola, professora muito especial, de português que teve que sair rápido, pois seu contrato tinha acabado. O pouco tempo que estive com ela foi suficiente para lembrar até hoje, no meio do ano ela teve que sair da escola e entrou um professor substituto. Era um professor extremamente grosso, e sem respeito pelos alunos em sala; eu nunca tinha lidado com um educador daquele jeito, sempre tive professores que escutavam seus

estudantes, que compartilhavam conhecimento e não ditavam. Promoviam uma aprendizagem significativa, lúdica e leve de ser vivida. Ali pude aprender mais sobre não julgar o outro sem saber da realidade dele, sempre fui gentil com aquele professor, procurei oferecer para ele o contrário que muitas vezes ele oferecia a nós, estudantes.

Todos os alunos ficavam receosos com ele e com suas atividades. Um dia ele passou uma atividade que valeria um ponto, era uma redação que seria avaliada em um concurso na escola, o tema era “Cada brasileiro pode ser tornar uma área livre de corrupção!” ele passou numa sexta-feira e era para ser entregue na segunda. Passei o fim de semana sem fazer nenhuma atividade da escola, pois queria descansar e esquecer um pouco as aulas que eram muito pesadas, a dele em especial. Então, domingo à noite, lembrei-me daquela redação e como eu precisava de nota de português, fiz de qualquer jeito, citei até minha mãe no texto e no dia seguinte entreguei apenas para obter nota. No dia seguinte, teve o resultado do concurso, já estava ansiosa para ir embora, pois sabia que não iria ganhar, quando minha amiga me chamou e falou que eu havia ganhado um celular, eu não acreditei, mas fui e subi até o palco da escola. Ganhei o prêmio de segundo lugar e até hoje não sei como.

1.3 Ensino médio

O primeiro ano do Ensino médio foi muito bom, sentia-me adulta e superior dos alunos do Ensino fundamental, sendo que no ano anterior eu estava lá. Foi um ano de muitas amizades, uma paixão e ótimos professores.

No segundo ano, tive um professor de artes, o que eram aquelas aulas, todo mundo amava, ele trabalhava mais a questão teatral e fazia com que todos interagissem, até os mais tímidos. Eu era tímida no começo, porém, depois fui me soltando mais. O trabalho semestral era criar e apresentar uma peça, assim foi feito, ao final das apresentações o professor teve uma ideia de unir as melhores peças e apresentar como uma só. A minha foi escolhida e foi assim que entrei no grupo de teatro da escola. A primeira peça foi apresentada na escola mesmo, aberta para a comunidade e foram dois dias de teatro. Começamos a investir mais e apresentamos em vários lugares. Ensaíamos uma peça chamada Antígona, era a verdadeira história, no entanto modificada em tempos atuais, apresentamos na Unidade de Internação do Recanto das Emas, no Teatro dos Bancários e em várias escolas. Com essa peça, participamos do festival de teatro estudantil. Foi uma experiência educacional única. Sem dúvidas, ela me acompanhará para sempre.

Terceiro ano, melhor sala que já estive, melhor em tudo, alunos, professores, atividades, união, entre outras questões. Os professores eram ótimos, as aulas muito

produtivas também, a turma era pacífica e unida. O professor de artes foi meu professor novamente no terceiro ano, as atividades propostas eram incríveis, umas das mais legais foi a de recriação de uma cena de filme. Essa atividade foi muito criativa, ele usou o resultado para defender sua tese na Universidade de Brasília - UnB, que foi no Auditório “Dois Candangos”, na Faculdade de Educação, no ano de 2017. Fiz uma recriação do filme Moana, e amei muito a experiência, consegui com isso enxergar o poder das artes na construção de vida e de criticidade dos seres humanos.

Um ano de muitas experiências a serem vivenciadas como os jogos escolares e o campeonato de dança que sem dúvidas foram momentos de aprendizados. Fomos a turma vencedora do campeonato de dança da escola. Treinamos muito, os ensaios eram divertidíssimos, escolhemos os ritmos de axé, baião, carimbó e forró. Foi incrível!

Embora esse terceiro ano tenha sido inesquecível, todos pensavam na formatura. Eu não queria tão rápido, tinha sido tão bom. Teve o baile, a colação de grau e fiquei muito feliz, mas com saudades também, pois amei aqueles momentos especiais e importantes.

Não comentei antes, mas no período do terceiro ano eu fazia cursinho para Enem. Foi muito bacana, aprendi muito nele e conheci pessoas novas também. Porém, passei por uma situação que não desejo a ninguém, vou explicar direito. Nesse dia, fui para a aula do curso normalmente, sentei na frente de algumas meninas com algumas amigas minhas, ao final da aula, levantei para entregar uma atividade ao professor e quando passei a mão no meu cabelo percebi que ele estava sujo, algo molhado e sem cor, cheirei meu cabelo e o cheiro era horrível, fui me limpar quando uma menina que estava mais atrás me disse que aquelas meninas que se sentavam atrás de mim haviam cuspidido no meu cabelo. Como assim cuspiram em mim? Essa foi minha primeira indagação, mas porque haviam cuspidido em mim, eu não as conhecia, nunca tinha visto fora dali, fiquei em choque e sem acreditar.

Deixei passar e não interroguei nenhuma pelo ato, eu estava muito abalada com aquilo. No dia seguinte, uma colega achou nas redes sociais delas fotos e frases maldosas sobre mim, fazendo chacota e aplaudindo o ocorrido. Quando vi, fiquei arrasada, conversei com o coordenador e ele me perguntou se eu queria que elas fossem jubiladas do curso, no início até quis sim que isso acontecesse, mas, depois de pensar bem, não quis devolver o que elas haviam feito comigo na mesma moeda, e sei que elas necessitavam estar ali como qualquer outra pessoa. Foi uma decisão difícil, mas neguei. Hoje, vejo que fiz a coisa certa, não me sinto culpada em nada, pois em nenhum momento fiz injustiça, aliás, a injustiçada fui eu. Apenas me pergunto ainda o porquê daquilo, seria mais um caso de racismo dentre milhares que acontecem diariamente em nosso país? Não sei.

O Ensino médio acabou, e a vida fora da escola começou, confesso que quando vi todos os meus amigos fazendo faculdade me bateu certo desespero, até porque somos cobrados a vida toda para passar em uma faculdade. A formação no Ensino médio já foi uma alegria e tanto para os meus pais que se dedicaram ao máximo para que isso acontecesse.

1.4 Ensino superior

Fui admitida no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB no segundo semestre do ano de 2018. Meu ingresso na UnB trouxe muitas alegrias para a família. Meus pais se orgulham muito do que tenho me tornado, mal sabem eles que suas vidas são minha maior motivação.

A ansiedade para o primeiro dia de aula era inevitável, eu estava assustada com tudo que falavam da UnB, chegaram a pedir para eu desistir e cursar em instituições particulares já que eu havia passado em algumas, mas ignorei e fui. Os primeiros dias foram tão assustadores quanto o primeiro dia de aula no Ensino fundamental, não conhecia ninguém, estava muito longe de casa, tinha que ser independente e um milhão de pensamentos. Eu pensei em desistir e cursar apenas o primeiro semestre, depois eu trocaria de curso ou tentaria na faculdade privada. O tempo foi passando e eu fui me apaixonando pelo curso, pela universidade em si e em meio a tantos caminhos e vivências, a formação me proporcionou meus maiores crescimentos como ser humano e futura professora.

É indiscutível a importância social do trabalho que executa o(a) professor(a). Frente às inúmeras procuras do mundo contemporâneo, a educação assume papel indispensável para a formação e o desenvolvimento humanos. A graduação em Pedagogia na minha vida está para além de apenas uma formação profissional, aquisição do Diploma, o amor pela profissão e a alegria de me tornar uma professora que possibilite aos meus alunos uma educação significativa de qualidade, com amor e de forma respeitosa, ensinando de maneira transformadora, reconhecendo especificidades e acolhendo, são alguns dos pontos que me constituem a respeito da minha formação. Viver a universidade me fez crescer e desenvolver pensamentos que jamais tinham sido ressaltados. Todas as disciplinas foram muito importantes para a minha formação, afirmo aqui que essas vivências são o alicerce para a nossa profissão. Pude vivenciar várias áreas da educação e saber um pouco mais sobre cada uma, sempre digo que fui para vários caminhos durante minha formação, quis saber um pouquinho de tudo, quis aproveitar cada momento, porque sabia que ia passar rápido, mas nunca imaginei que seria tão rápido assim.

Infelizmente, quando eu seguia para o quarto semestre, tivemos uma mudança radical, a Pandemia da Covid-19, nesse viés, as diferentes esferas da sociedade precisaram repensar e reinventar formas de atuação garantindo o distanciamento social e assim minimizar seus efeitos. Nesse novo contexto, não imaginávamos que essa mudança duraria tanto tempo, ficamos 2 anos longe da Universidade. Todo o mundo precisou moldar-se, buscar uma saída ou pelo menos fugir do desespero.

Em meio a tudo que vivenciamos: a pandemia, as mortes, as incertezas, os medos e a perda de entes queridos, a dor de perder quem a gente ama e a vontade intensa de proteger a todos, mas no início de tudo a única saída era o isolamento. Nesse período, firmei na união e na fé de que tudo iria passar. Eu e minha família permanecemos juntas desde o começo do isolamento, enfrentando o medo e a ansiedade por causa do vírus. Como meus pais não pararam de trabalhar, estávamos nos cuidando e lutando contra os maus pensamentos e a tensão de ser contaminados ou de perder a vida. A saudade do restante da família era muito constante, continuamos firmes acreditando que tudo iria passar e que a vida vai além das dificuldades a serem enfrentadas. Esse período nos ensinou a valorizar as coisas simples, o impensável, o que um dia se passou como invisível aos nossos olhos. Tudo tem um propósito e esse era o momento de estar junto e ser solidário. Pedi a Deus todos os dias para que aquilo passasse, e ele escutou todas as preces.

Alguns dias presa em meus pensamentos, eu escrevia alguns versos que demonstrassem o sentimento que estava em mim nesses momentos, lembro que cheguei até postar em minhas redes sociais, acho válido colocá-los aqui:

“Precisamos viver! Viver cada segundo como se fosse o último, agradecer por cada dia e cada momento. Precisamos viver! Viver as pessoas que estão ao nosso lado e aquelas também que não estão mais. Precisamos viver! Viver o amor, viver a paz, viver o hoje, viver o amanhã, viver a vida. Precisamos viver os momentos bons e os ruins assim como precisamos viver a força de errar e aprender com o erro. Precisamos viver a vida, os sonhos, a realidade e a imaginação também. Precisamos viver a vida toda, as alegrias, as tristezas, as pessoas, a natureza e tudo em nossa volta. Precisamos viver a gratidão a Deus porque por ele é que podemos viver”.

“A vida é assim, assim tão leve e, às vezes, tão pesada. A vida é assim, ela não para, corre e discorre. Às vezes, o melhor a ser feito é parar e acalmar-se, outras o melhor é correr e apressar-se. Cada um no seu tempo. Não, não é igual para todos, nada é. A incerteza de um próximo dia feliz, a ansiedade e o medo de não saber o amanhã. Penso que quando temos tudona verdade não temos nada, pois não é possível reconhecer tudo que temos. No entanto,

quando nos falta algo, reconhecemos a importância e a necessidade daquilo. Que possamos aprender a valorizar mais, ser menos egoístas e construir uma vida de gratidão. Que falta faz tudo aquilo que um dia nem sequer notamos a essência. De tudo se aprende. Aproveite, pense e reflita sobre tudo de bom que podemos obter de tempos difíceis e sombrios. Força, tudo vai passar”.

No decorrer da minha formação, tive o privilégio de ter interagido com professores incríveis, nesses momentos de crise, com as aulas de modo remoto, isso não mudou, a construção de novos conhecimentos não foi interrompida, em meio a tantas dificuldades, existiam docentes resistindo às diversidades e superando suas limitações para dar continuidade ao perpassar de seus saberes. E a palavra que expressa admiração, respeito e carinho por esses professores é agradecimento. Obrigada Edeilce Aparecida, Edileuza Fernandes, Erlando da Silva, Lygianne Batista, Maria Tereza, Paula Cobucci e todos os outros, que mesmo durante uma pandemia se esforçaram ao máximo para formar futuros professores com amor e dedicação.

Depois dessa interrupção das aulas presenciais, precisei me reinventar e pensar formas de seguir os estudos mesmo com distanciamento, foi um período desafiador, mas de grandes aprendizagens, confesso que não queria passar tanto tempo em ensino remoto, mas a necessidade era maior. Contudo, não foi um tempo perdido, vivi experiências essenciais também para minha formação, observei a evidência de um constante movimento de formação do educador para criar, inovar, ressignificar as práticas pedagógicas e propor atividades transformadoras e significativas mesmo. Foi um período de muita dor, mas também de muitos aprendizados.

Hoje, minha visão do curso de Pedagogia é completamente modificada se comparada ao início. No Brasil os educadores de forma geral não são valorizados, e isso me fazia desacreditar ainda mais. Quando decidi cursar pedagogia, decidi com um pé na frente e outro atrás. Amando, mas com receio do que seria dali para frente. As aulas foram passando e fui me apaixonando na área da educação e no quanto o curso vai além de tudo que um dia imaginei, é sobre amar, ensinar e transformar. Não estou aqui escrevendo para convencer alguém a cursar pedagogia, pelo contrário, estou aqui pra dizer como um curso me fez mudar de visão e escolha pra vida.

O poder de educar é o poder de transformar vidas, independente de cor, etnia, cultura ou gênero. É poder interferir em algo visando o melhor. Mas a minha idealização de vida seria uma educação para todos, frisando a mudança de vida e de pensamento, de construção mesmo. Pretendo aprender muito mais do pouco que aprendi até aqui.

Minha vida como universitária está perto do fim, mas um final de grandes começos. Ao relatar períodos da minha vida escolar e educacional, fiquei muito contente, pois revivi momentos importantes e inesquecíveis da minha trajetória educativa, foi nesse tempo que desenvolvi uma imensa admiração pela educação de amor e qualidade, uma grande vontade de me tornar uma professora qualificada e diferente de muitos educadores que fazem o valor da educação desaparecer. Todas as vivências que relatei neste memorial ajudaram a completar e transformar a pessoa que sou hoje, é incrível como ações passadas modificam e completam nosso ser.

Alguns momentos foram ruins outros bons, mas ambos fazem parte da minha história de vida, penso que hoje se eu não tivesse passado por apenas uma dessas vivências eu não seria a Loyane de hoje, cada sentimento, aprendizado, sorrisos, lágrimas, amores, paixões, abraços e raiva foram necessários para a vida, não tem essa de esquecer o que passou, nunca vamos esquecer, não existe a possibilidade de apagar o passado, existe superá-lo, fazer com que situações ruins não se repitam no futuro. Tudo que vivemos é preciso, tem um significado. A saudade é constante, nada volta, mas seria bom voltar no tempo, nos momentos que mais sorrimos ou choramos.

Fiquei muito feliz com a conclusão deste memorial, achei que não conseguiria relatar nada sobre esse processo, pude reviver momentos inesquecíveis que, às vezes, só fazendo uma força é possível lembrar, dei risadas e olhar de gratidão no decorrer do texto. É incrível como somos formados de aprendizagens mútuas, de diferentes âmbitos da vida. Com isso, concluo que a escola é um campo aberto à formação e construção de cidadania do ser integrado.

PARTE 2 LUDICIDADE E CONEXÕES: ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Ludicidade

Constantemente, a ludicidade é utilizada como sinônimo de jogos e brincadeiras, quando se fala do lúdico, logo se pode compreender no senso comum que está se falando sobre brincadeiras divertidas, entretenimento e outras atividades. Porém, esse conceito não se limita a isso, e o saber cotidiano acaba ocasionando uma ideia não definida e muitas vezes distorcida do lúdico, que possui uma importância imprescindível para o desenvolvimento da criança e das práticas educacionais, por ser um assunto estudado por diversas áreas do conhecimento, não há como questionar seu valor na educação.

Segundo Luckesi (2014), a ludicidade é compreendida como uma experiência interna por parte do sujeito, sendo assim a experiência lúdica só pode ser percebida e expressa pelo sujeito que a vivencia, podendo advir desde as mais simples às mais complexas atividades e experiências humanas. Não podendo ser julgada de fora, mas só de dentro de si mesmo. Nesse caso, como entender quais atividades são ou não lúdicas? Quais delas serão favoráveis e significativas nos processos de ensino e aprendizagem? Qual o papel do professor ao ser mediador e proporcionador das mais distintas atividades lúdicas?

Com base no que o autor abordou sobre o tema, pode-se afirmar que não existem atividades que se denominem lúdicas ou não, o que acontece é que irá depender do estado interno de quem participa do sentimento vivido, da maneira que aquilo ocorre e toda a vivência da experiência, a ludicidade então, torna-se aqui algo de percepção individual e ao mesmo tempo experiências coletivas.

O ser humano é formado por experiências vivenciadas desde o nascimento até a sua morte, situações essas que constitui cada ser como único e diverso em suas especificidades. Essa construção de vida gera sentimentos bons ou ruins sobre determinadas atividades. O que pode ser divertido para alguns pode não ser para outros, ou seja, cada ser é único de individualidades que precisam ser respeitadas.

Luckesi (2014) deixou bem definido que a ludicidade é um estado interno ao sujeito, então cada ser humano irá definir seus momentos lúdicos de acordo com sua construção pessoal e social. Com isso, a ludicidade vai muito além de brincadeiras e situações denominadas “divertidas e lúdicas”, é sobre o ser e sua vivencia interna, os sentimentos gerados e se aquilo é ou não satisfatório e leve para ser vivido.

Para responder algumas questões que se discorreram acima, é preciso entender que para educar ludicamente o educador precisa formar-se primeiro, não apenas na formação acadêmica e profissional, mas na construção de si mesmo, se conhecer, entender seus medos e inseguranças e aquilo que lhe motiva. Antes de conhecer o outro é indispensável que se conheça a si mesmo. Sabendo que a ludicidade é um estado interno, o educador que formará outros sujeitos precisa necessariamente se cuidar e estar preparado para aquilo.

Para educar através de atividades lúdicas, o professor precisa conhecer seus educandos, suas especificidades e complexidades, suas vivências e histórias. Conhecer os estudantes é muito importante no processo de ensinar de maneira lúdica, já que o lúdico tem por dimensão a internalização do indivíduo. Então, um ponto essencial para a mediação do professor nesses processos de ensino e aprendizagem é de mediar a partir do conhecimento de si e do outro.

Portanto, para entender se as atividades serão lúdicas ou não, será necessário o conhecimento de seus educandos e a vivência de cada um deles. Através dessa aproximação e do conhecimento do outro é possível que o professor trace caminhos eficientes, lúdicos, educativos e significativos para o desenvolvimento de práticas educativas. Considerando sempre, que todos os educandos são sujeitos de direitos formados de especificidades.

Lima, Lima, Nascimento e Santos (2021) abordaram a importância da ludicidade na Educação infantil, com o objetivo de conscientizar seus profissionais sobre a utilização de um ensino lúdico com jogos e brincadeiras, colocando-os como fundamental para a socialização e uma aprendizagem significativa. A problemática norteadora do estudo foi a ludicidade na sala de aula, o papel do educador em seu planejamento e o modo como pensam as atividades lúdicas e, assim, qual a contribuição destas para a aprendizagem. Essa investigação baseou-se em textos bibliográficos que analisaram, através do brincar, a possibilidade de desenvolver, de maneira ampla, questões físicas, psicológicas, afetivas e sociais. Trazem que as brincadeiras e jogos precisam ser inseridos no cotidiano escolar e o professor deve atuar como mediador, proporcionando e facilitando os processos de ensino e aprendizagem. Discutindo diversas temáticas da ludicidade e da brincadeira, bem como, abordagens históricas e conceituais que contribuem para a aprendizagem infantil.

Todos esses aspectos devem ser levados para a educação dos anos iniciais do Ensino fundamental, para que se criem estratégias que melhorem a aprendizagem, o ambiente e os conteúdos, que possibilitem um ensino significativo e emancipatório, de maneira leve e prazerosa, potencializando as aprendizagens das crianças do Ensino fundamental.

De acordo com Hendler (2010, p. 9) “O lúdico contribui para o desenvolvimento integral da criança. Por meio [...], a aprendizagem se torna muito mais significativa e prazerosa, o aluno aprende sem perceber. O lúdico faz parte do mundo da criança. A escola, portanto, não pode ficar alheia a isso”. Portanto a escola e os profissionais da educação precisam promover momentos que sejam lúdicos para seus estudantes, proporcionando uma educação mais interessante, instigante e prazerosa no intuito de desenvolver a criança integralmente, reconhecendo suas diferenças e vivências.

Segundo a legislação definida no Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018), o trabalho com a ludicidade não se restringe ao jogo e à brincadeira, mas busca pensar e incluir atividades que possibilitem momentos de prazer, de entrega e de integração dos envolvidos. Então, a mediação do professor atrelada a uma educação lúdica de qualidade promoverá aprendizagens com experiências plenas e o estudante se envolverá por inteiro, de forma saudável e motivadora. Sendo assim, a ludicidade é um dos Eixos Integradores do Currículo tanto nos Anos Iniciais quando nos Anos Finais; portanto, é extremamente necessário o uso do lúdico, e sua importância fica explícita nesse documento.

A criança se desenvolve de forma constante, a mediação na sala de aula deve considerar as especificidades de cada estudante, a fim de percebê-los como sujeitos em constante transformação e formação, daí então, promover uma educação prazerosa por meio do lúdico é favorável e essencial para o desenvolvimento do aprendiz e de suas capacidades.

Para Luckesi (2002, p. 6), a ludicidade vai para além do senso comum, possuindo um significado distinto de jogos e brincadeiras, ela baseia-se na experiência interna de cada indivíduo ao realizar uma determinada atividade, com estado de consciência amplo e não se restringindo ao externo somente, a ideia do pessoal e do modo que se relaciona com o mundo:

Quando estamos definindo ludicidade como um estado de consciência, onde se dá uma experiência em estado de plenitude, não estamos falando, em si das atividades objetivas que podem ser descritas sociológica e culturalmente como atividade lúdica, como jogos ou coisa semelhante. Estamos, sim, falando do estado interno do sujeito que vivencia a experiência lúdica. Mesmo quando o sujeito está vivenciando essa experiência com outros, a ludicidade é interna; a partilha e a convivência poderão oferecer-lhe, e certamente oferece, sensações do prazer da convivência, mas, ainda assim, essa sensação é interna de cada um, ainda que o grupo possa harmonizar-se nessa sensação comum; porém um grupo, como grupo, não sente, mas soma e engloba um sentimento que se torna comum; porém, em última instância, quem sente é o sujeito.

Dessa maneira, cada pessoa vive a sua ludicidade, mesmo participando de atividades em grupo, cada ser com suas especificidades e experiência de vida, vivencia o lúdico de uma forma. Por isso, no âmbito educacional é imprescindível saber que uma atividade pode não ser lúdica para todos de uma mesma sala, justamente pelo fato de cada criança ter uma história de vida diferente de lidar com as mais diversas situações. Uma atividade pode ser engraçada e divertida para um, e, ao mesmo tempo, humilhante e vergonhosa para outro:

Para mim, ela propiciará um estado interno de inteireza, alegria, prazer, enquanto estiver, no seio de um grupo, pulando corda. Dar-me-á inteireza, alegria, prazer, praticando essa experiência sozinho e, ao mesmo tempo, na interação com as outras pessoas, participando e partilhando da felicidade do momento. Todavia, para outra pessoa, esta mesma atividade, poderá trazer desprazer, seja devido nunca ter pulado corda e não estar interessada em tentar aprender agora, seja devido ter tido uma experiência muito negativa com esse brinquedo em sua história pessoal de vida, ou qualquer outro elemento que não lhe permita vivenciar agora essa experiência com alegria, prazer, integridade (LUCKESI, 2002, p. 6).

Ainda sobre essa questão, Luckesi (2014, p. 15) ressaltou: “De fato, por si, uma atividade não é lúdica nem ‘não-lúdica’. Pode ser, ou não, a depender do estado de ânimo de quem está participando, assim como da circunstância em que participa da atividade”. Na escola, essa situação de relatividade do lúdico possui dois pontos essenciais: o primeiro é a importância do professor conhecer os educandos e possuir uma boa relação com eles, entendendo seus medos, traumas e gostos, é bem mais fácil planejar atividades, brincadeiras e jogos que envolvam a todos, sem exceção, evitando constrangimentos e exclusões. O segundo ponto, não menos importante, é a possibilidade que algumas dessas situações de desprazer possibilitam ao educador de repensar suas práticas e conhecer sua turma, de modo que crie e recrie ações pedagógicas de superação de experiências negativas oferecendo respeito, superação e uma educação acolhedora, que abrace e não exclua:

A dor interna que a atividade lúdica, objetivamente definida como lúdica, elicia, em uma prática, não é lúdica, por si, no sentido que vimos compreendendo ludicidade, porém, a vivência dessa experiência que mobiliza a dor pode ser um ponto de partida para a transformação da própria experiência fragmentada em busca da experiência plena. Nesse sentido, as atividades que são objetivamente tomadas como lúdicas e que, por alguma razão interna da pessoa, possam fazer emergir alguma dor, limite ou dificuldade, possibilita ao sujeito uma oportunidade da cura dessa dor, dificuldade ou limite interno. Por cura, aqui, estamos entendendo uma oportunidade de fazer contato com um aspecto doloroso de sua vida, mas que, também e ao mesmo tempo, aponta para um aspecto saudável de si mesmo – da alegria, do prazer, da convivência, da não-rigidez, ... (LUCKESI, 2002, p. 7).

Essa discussão provoca pensar como situações simples realizadas na escola podem afetar de modo diferente cada um, agindo positivamente ou negativamente, e é crucial que o professor considere as diferenças, reconhecendo que as pessoas aprendem de formas distintas, a depender do contexto de vida, por isso, precisam ser vistos como sujeitos plenos de direitos e constituídos de cultura.

Luckesi (2014, p. 21) reforçou a necessidade de o professor atentar-se a si próprio e ao outro, considerando esses aspectos no seguinte trecho: “Não há como, na educação em geral, o educador atuar sem estar atento às suas próprias reações emocionais e às reações emocionais dos seus estudantes, reações que necessitará de, adultamente administrar”.

Aprender de uma forma leve e interessante se torna algo indispensável dentro das escolas, uma aprendizagem sem traumas ou exclusões é fundamental, sendo o professor o mediador dessas aprendizagens, é necessário que elas sejam pensadas com intencionalidade para que sejam significativas para os educandos. “Aprender com prazer, com envolvimento, necessita preencher o aprendiz de anseios e vontades, para então dar significado a sua aprendizagem” (RUFINO, 2014, p. 18).

O quão importante é a ação do professor, que por meio da ludicidade pode-se garantir além de aprendizagens pedagógicas, crescimento pessoal, intelectual e emocional. A sala de aula no mesmo momento que é um local destinado a aprendizagem dos seres humanos, pode ser lugar de exclusão e traumas que se perpetuarão ao longo da vida.

Nos anos iniciais do Ensino fundamental, os estudantes se deparam com uma diferença significativa de ensino e de convivência, é uma nova etapa de novas experiências que virão, saindo da Educação infantil. O impacto da mudança de novas vivências são fatores que geram conflitos internos e cobranças. É aqui, que o uso da ludicidade pode proporcionar uma educação deleitável, com qualidade e afeto. Assegurando aos aprendizes uma educação respeitosa e atrativa.

2.2 Brincar

A palavra brincar nos dicionários está colocada como dois significados principais; 1- Divertir-se. 2- Entreter-se com alguma coisa infantil (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2021). No entanto, o brincar ocupa uma importância significativa no desenvolvimento da criança e em sua formação pessoal, social, educacional e crítica. Possuindo a capacidade de promover o bem-estar físico e mental, a estabilidade emocional e desenvolver habilidades motoras, cognitivas, sendo fundamental para o desenvolvimento da linguagem e aprendizagem de modo geral.

Na primeira infância, a criança ressalta a necessidade de resolver e satisfazer os seus desejos, como abordou Vigotski (2008), a brincadeira organiza-se justamente na situação de desenvolvimento em que surgem as tendências irrealizáveis. Portanto, o desejo e a imaginação traçam um caminho para a realização da brincadeira, o desejo de vivenciar algo ou criar são partes muito importantes do processo de brincar. Segundo o autor, é disso que surge a brincadeira, que deve ser sempre vista como uma realização imaginária e ilusória de desejos irrealizáveis. Um dos pontos essenciais que o autor trouxe é que a essência da brincadeira é que ela é a realização de desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados. A presença desses afetos não significa que a criança entenda os motivos pelos quais essa brincadeira acontece, no entanto, ela brinca sem ter a consciência dos seus motivos, e isso é o que distingue a brincadeira de outras atividades humanas.

A criança quando brinca é capaz de se fazer guiar pelo mundo dos significados, porém, não estando dentro da realidade lúdica o seu comportamento é fortemente determinado pelas características reais do mundo, isso significa que o jogo é uma força de desenvolvimento intelectual. O brincar possibilita a formação de consciência de ações próprias e significados. Então, a brincadeira desenvolve desejos que não são possíveis de realizar, o que se torna algo comum nas ações do brincar, o criar, o viver o imaginário. Vigotski (2008) abordou, também, a hipótese de que não existe brincadeira que não haja comportamento da criança submetido a regras, existindo então uma singularidade da criança com as regras, mesmo que não sejam explícitas. A partir da brincadeira, a criança deseja e realiza vontades, sendo uma atividade que ela faz contendo objetivos próprios.

Prestes (2016, p. 34) apontou a existência das regras dentro da brincadeira relacionado-as com o desenvolvimento da criança.

A situação imaginária impõe regras. São regras sociais que, na vida real, podem criar conflitos ao contrariarem o desejo da criança. A brincadeira de faz de conta é o cenário em que a criança pode agir de acordo com um determinado papel, mas, ao interpretá-lo, precisa seguir o que as regras ditam, senão a brincadeira acaba. E ela sabe disso. Por isso, é uma atividade dramática e não é a resolução do conflito em si ou a satisfação apenas de certos desejos os aspectos mais importantes. O importante é a tomada de consciência, por parte da criança, da existência de regras, ou seja, uma coisa é se comportar como irmãos na vida real e outra é brincar de irmãos numa situação imaginária.

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) evidenciou esse pensamento de Vigotski, quando abordou brincadeira e seu papel imaginativo:

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das idéias, de uma realidade anteriormente vivenciada (BRASIL, 1998, p. 27).

A brincadeira é uma das principais maneiras que a criança tem de se expressar na infância, além de ser um ponto crucial para o desenvolvimento humano. O reconhecimento do brincar como necessidade da infância aparece na Declaração sobre os Direitos das Crianças (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959), que no artigo 31, sanciona o brincar como um direito. Portanto é dever, por parte dos educadores, de preservar esse fundamental direito para seus estudantes.

É importante considerar que o atual contexto social que justifica as crianças brincarem menos, vem ocupando um espaço grande na sociedade. Por inúmeros motivos a relação da criança com a brincadeira vem diminuindo cada vez mais e isso é de fato preocupante, já que o brincar tem uma grande importância no desenvolvimento infantil.

O brincar é um ato criativo, e a criatividade é fundamental para a sobrevivência do ser humano, a sobrevivência das pessoas só acontece através dessa capacidade de criar, a criatividade é a base para a liberdade, transformação, a construção do senso crítico e raciocínio. A brincadeira no geral possui uma série de benefícios para o crescimento humano, como sensibilidades visuais, auditivas, imaginativas, sensoriais, motoras e pessoais, tendo também uma grande influência nos comportamentos infantis, o brincar ensina a socialização, o posicionamento, a convivência e regras. Com isso, é possível afirmar que a criança aprende brincando e que esse ato é essencial para a aprendizagem. A experimentação da realidade a partir da brincadeira é imprescindível o processo de se desenvolver.

Além disso, o brincar com o respeito às regras possibilita o controle da impulsividade, segundo Vigotski (2008), essa ação requer constantemente da criança um agir contra o impulso imediato, e toda a estrutura da brincadeira se as regras forem seguidas, promete assim uma satisfação que é bem maior do que o impulso imediato.

No Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018) consta que no segundo ciclo dos anos iniciais do Ensino fundamental foram indicados objetivos e conteúdos com predominância no bloco de jogos e brincadeiras, devido justamente às características dos estudantes dessa etapa, ressaltando que, nessa fase, a brincadeira e o jogo constituem não só como um conteúdo a ser ensinado em Educação Física, mas também, como um instrumento de intervenção e auxílio pedagógico para o ensino de todas as outras disciplinas.

A brincadeira na educação é indispensável visto os inúmeros benefícios na infância. Sendo assim, é necessário que os professores possibilitem às crianças a experienciar as infinitas possibilidades de desenvolvimento através do brincar de forma livre, tornando a educação emancipatória e transformadora, sem delimitar e restringir a criança, pois, deixá-la experimentar e se auto desenvolver é mais que necessário. É importante que profissionais da educação tenham um olhar sensível sobre a importância da brincadeira e possam mediar uma educação lúdica, utilizando o brincar nos mais diversificados processos de ensino e aprendizagem.

O Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018) traz a importância do brincar não somente na Educação infantil, mas também, no Ensino fundamental, nos quais, por meio das brincadeiras e interações, acontecem vivências de práticas sociais, contempladas pelos campos de experiência e pela apropriação dos saberes necessários, provocando uma nova e essencial formação.

Vigotski (2008) considerava o brincar como uma fantasia que oferece um meio de desenvolver o pensamento abstrato e como a principal fonte de desenvolvimento nos anos da pré-escola. Tunes e Tunes (2001) também abordaram a compreensão sobre a importância das brincadeiras para o desenvolvimento da criança, busca o entendimento de suas origens, mudanças e transformações em alguns planos, o plano da transição dos animais para o homem, o plano referente a mudanças da história da humanidade e o plano ao desenvolvimento no decorrer da vida da criança. Essa pesquisa valorizou o surgimento das brincadeiras infantis, informando sobre o porquê e quais repercussões do brincar no desenvolvimento da criança.

O brincar é uma maneira de comunicação e é por meio das brincadeiras que as crianças desenvolvem ações do seu cotidiano familiar, escolar e social, seja ela com imitações do mundo dos adultos, brincando de faz de conta ou outros atos, então, não importa a brincadeira, a criança sempre irá obter diversos conhecimentos sociais, cognitivos, físicos, culturais e outros. Reconhecer e trabalhar o lúdico durante o processo de ensino na sala de aula com os anos iniciais do Ensino fundamental, é permitir que os estudantes se

desenvolvam na sua totalidade, aprendendo e se redescobrimo, através de brincadeiras planejadas pelo professor e de também de modo livre, percebendo assim, suas emoções, medos, superações ea relação com si próprio e com os outros.

O brincar é um direito garantido por lei, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), no artigo dezesseis a criança tem direito à liberdade, onde é ressaltado alguns aspectos, entre eles o inciso quarto, que é o de brincar, praticar esportes e divertir-se.

Milhares de crianças mesmo tendo esse direito garantido por lei não possuem essa total liberdade de brincar, por viverem em contextos de vulnerabilidade, que infelizmente fazem parte da realidade brasileira, sendo eles a pobreza, o trabalho infantil, a violência e outros. Consequentemente, a escola como disseminadora de uma educação de qualidade, deve comprometer-se em garantir esse direito dentro dela, já que no contexto externo devido a inúmeros fatores muitas vezes não é possível. Assim, o direito de brincar precisa ser promovido pelos educadores.

A escola perpassa os muros das instituições, o aprendizado construído dentro sobressai-se para a sociedade e tudo que a compõe, as vivências que acontecem com o decorrer do ano letivo permanecerá para sempre no indivíduo que participou daquela formação. É imprescindível que se repense sobre o ato de ensinar ludicamente e de possibilitar aos estudantes o direito de crescimento por meio das brincadeiras. A responsabilidade da escola é de transmitir conhecimento, portanto, é essencial que a aquisição de aprendizados fundamentais para o desenvolvimento humano seja perpassada de modo transformador.

As brincadeiras na educação são contempladas no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI), analisando seu potencial para o desenvolvimento infantil, quando organizado de maneira adequada pelo professor:

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais (BRASIL, 1998, p. 29).

Todas as crianças precisam experimentar as formas de brincar, sejam elas livres ou conduzidas pelo educador, sem dúvidas a prática lúdica do brincar é fundamental para vida humana em sua complexidade. O planejamento correto do professor, considerando a realidade, as especificidades de cada criança, auxilia em uma educação mais ampla, percebendo o aprendiz como ser integral de direitos, pensamentos e construções pessoais:

É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar (BRASIL, 1998, p. 29).

O professor possui uma enorme responsabilidade no processo de aprendizagem dos educandos. A organização do espaço educativo, a escolha de jogos, brincadeiras, objetos, músicas, reflexões e tudo que será proposto em sala deve ser pensado criticamente priorizando o ensino de cada estudante.

O brincar é um ato de interação com o meio em que se vive, e é nas brincadeiras que se aprende também sobre as relações na sua totalidade. O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) salientou o potencial grande da interação para o desenvolvimento do ser humano: “Portanto, é importante frisar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos enegociação de sentimentos, idéias e soluções são elementos indispensáveis” (BRASIL, 1998, p. 31).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) trazem como eixos integradores as interações e as brincadeiras possibilitando que as crianças se desenvolvam integralmente, a partir de si e do outro por meio do brincar. Relacionar-se com o outro é primordial para o ser humano, sem interação social não haveria crescimento da sociedade em si. A interação através de jogos e brincadeiras em situações lúdicas auxiliam no progresso educacional e pedagógico, assim como na vida em sua integralidade.

2.3 Jogar

Sabe-se que durante a prática de jogos e brincadeiras é possível adquirir inúmeras experiências, como a interação com o outro, desenvolvimento cognitivo, social e pessoal. Além de proporcionar momentos de prazer e diversão. O jogar e o brincar são necessidades básicas das crianças e é essencial que o educador insira essas atividades na prática educativa, a fim de potencializar o desenvolvimento dos estudantes.

O jogar, assim como o brincar, deve ser compreendido e visto como um momento sério e necessário dentro e fora do ambiente escolar, pois a vivência de jogos e brincadeiras proporciona momentos lúdicos e ferramentas pedagógicas através da percepção das crianças, permitindo que as necessidades nessa etapa sejam atendidas e desenvolvidas.

De acordo com Currículo em Movimento (DISTRITO FEDERAL, 2018) os jogos constituem uma grande fonte para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional de um indivíduo. Podendo ser utilizado como proposta de trabalho lúdico, objetivando uma abrangência de conteúdos e ensinamentos significativos do desenvolvimento.

Segundo Kishimoto (1998), as divergências em volta do jogo educativo estão relacionadas à presença concomitante de duas funções: a função lúdica, em que o jogo vai proporcionar a diversão, o prazer e até o desprazer a depender da situação, a segunda função é educativa em que o jogo ensina algo ao indivíduo. De acordo com a autora, o equilíbrio dessas duas funções é o objetivo do jogo educativo. Porém, pode haver o desequilíbrio que provoca duas situações: quando não há mais ensino, há apenas o jogo, quando a função lúdica predomina, ou ao contrário quando a função educativa elimina todo prazer e diversão e resta apenas o ensino. Portanto, é necessário que haja um conhecimento dos estudantes por parte do professor, e com isso um plano adequado que integre essas duas funções na sua prática pedagógica através dos jogos.

De acordo com Lopes (2000, p. 35): “O jogo para a criança é o exercício, é a preparação para a vida adulta. A criança aprende brincando, é o exercício que a faz desenvolver suas potencialidades”. Nesse caso, jogar se torna bem mais que um simples momento alegre e divertido, é uma experiência de aprendizagens mútuas, tanto do professor ao pensar, planejar e executar quanto da criança ao participar e descobrir, o que gera uma troca de saberes e experiência do educador e educando.

Percebe-se que a escola é um ambiente completamente propício para as vivências dos jogos, pois quando utilizados de forma correta desempenham um papel importante na vida dos estudantes, sendo uma potente ferramenta de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor, inserir em seu planejamento, pensando práticas pedagógicas e as contextualizando com respectivos conteúdos, fazendo com que os jogos sejam usados de maneira significativa, para que as necessidades dos estudantes dos anos iniciais do Ensino fundamental sejam asseguradas de forma integral, considerando sempre que o jogar e o brincar são indispensáveis para o desenvolvimento da criança.

As instituições escolares não são ambientes que os estudantes devem somente aprender conteúdos sistematizados e disciplinas da grade curricular, muitas vezes isso acaba acontecendo a partir dos anos iniciais do Ensino fundamental por diversos motivos. No entanto, eles precisam aprender de forma integralizada, na sua totalidade, para que se desenvolvam amplamente, sendo o professor o mediador desses conhecimentos, deve proporcionar uma aprendizagem completa utilizando ferramentas necessárias, como o uso de jogos, brincadeiras e atividades que sejam lúdicas em sua inteireza.

Definir o significado de jogo não é uma tarefa fácil, pelo contrário, muitas ações realizadas são destinadas por jogo no senso comum, mas o que realmente significa o ato de jogar? Quais características são indispensáveis na construção e ação do jogo? Qual o seu real significado? Segundo Kishimoto (1998), a variedade de fenômenos considerados como jogo dificulta a sua definição, além de algumas situações em que uma mesma atividade pode ser considerada jogo ou não, em diferentes culturas, dependendo do significado que a ele é atribuído. Sendo assim, não é fácil denominar o que é o jogo, sem confundir sua definição com outros termos, como brincar, brincadeiras, ludicidade ou brinquedo.

Kishimoto (1998, p. 7), baseada em autores como Caillois (1967), Christie (1981a e 1981b), Fromber (1987), Henriot(1989) e Huizinga (1951), sintetizou pontos cruciais em comum sobre jogo que esses autores apontaram:

pontos comuns como elementos que interligam a grande família dos jogos: liberdade de ação do jogador ou o caráter voluntário e episódio de ação lúdica; o prazer (ou desprazer), o “não sério” ou o efeito positivo; as regras (implícitas ou explícitas); a relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), a incerteza de seus resultados; a não literalidade ou a representação da realidade, a imaginação e a contextualização no tempo e no espaço. São tais características que permitem identificar os fenômenos que pertencem à grande família dos jogos (KISHIMOTO, 1998, p. 7).

Nesse caso, a liberdade de ação do jogador refere-se quando a liberdade do ser humano está presente, sem pressão ou obrigação do ato, devendo ser um ato lúdico, sempre contendo regras, sejam elas perceptíveis ou não, no caso de jogos que possuem regras explícitas como o jogo de xadrez e jogos que possuem regras internas, como o brincar de faz de conta, que não deixa de ter uma conduta a ser seguida., porém está presente de forma oculta. Acontece também à incerteza de resultados, não sendo possível definir um resultado final, a ação do jogador dependerá de diversos fatores internos e externos. Algumas situações de jogo podem caracterizar-se quando a realidade interna se sobressai sobre a externa, gerando ações de imaginação e contextualização.

Ademais, Kishimoto (1998) apresentou termos como brinquedo sendo sempre o objeto, que vai dar suporte ao ato de brincar, brincadeira como descrição de uma ação estruturada com regras e condutas, e jogo infantil para designar o objeto e as regras do jogo da criança. Dando preferência o uso do termo jogo a descrição de ações lúdicas que envolvem situações estruturadas pelo tipo de material, na qual os jogos trazem regras definidas externamente que determinam a situação lúdica.

Já se sabe a importância que o jogo possui na vida dos seres humanos, sendo em momentos de pura diversão ou em uma mistura de jogo e ensino, que além de exercer seu papel inicial possibilita aprendizagens mútuas e desenvolvimento de conteúdo. Nesse caso os jogos educativos por meios de instruções se tornam um recurso pedagógico para o professor sem retirar o processo de brincar das crianças. Cabe ressaltar, que o jogo educativo deve estar sempre equilibrado em suas duas funções principais, a lúdica e a educativa. O professor deve organizar o espaço educativo, para promover então atividades adequadas para cada etapa de ensino, reconhecendo a realidade de seus estudantes.

Kishimoto (1998, p. 22) destacou claramente sua posição a respeito do jogo pedagógico quando afirmou:

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo empregado na escola, desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de jogo educativo.

Sendo assim, o professor para sanar as dúvidas se a atividade é ou não um jogo, precisa ter consciência que seu dever é ser organizador das aprendizagens de seus educandos, respeitando sempre a funcionalidade da ludicidade no ato, desse modo seu trabalho baseia-se em planejar situações que promovam o conhecimento. Os jogos educativos devem compor elementos naturais, sociais e culturais, com os objetivos de oportunizar a criança a pensar. O jogar, brincando, contextualizando e pensando criticamente sobre aquilo que se aprende, se faz necessário para um ensino de qualidade.

Muniz (2014, p. 13) abordou que “o jogo é concebido como um importante instrumento para favorecer a aprendizagem na criança e, em consequência, a sociedade deve favorecer o desenvolvimento do jogo para favorecer as aprendizagens”. Sendo assim, os jogos se transformam em ferramentas pedagógicas educativas muito benéficas para o processo de ensino e aprendizagem, podendo ser aplicados tanto em espaços escolares quanto em extraescolares.

Kishimoto (1998) ressaltou dois sentidos do jogo educativo, o sentido amplo que se refere a situações e materiais que permitem a exploração em ambiente organizados pelo professor, visando sempre o desenvolvimento da criança de forma mais livre; e o sentido restrito que é utilizado como material ou momentos que exigem ações orientadas com o objetivo de adquirir conteúdos e habilidades didáticas específicas. Nesse caso, ela ressaltou a seguinte afirmação: “Embora a distinção entre os dois tipos de jogos esteja presente na prática usual dos professores, pode-se dizer que todo jogo é educativo em sua essência. Em qualquer tipo de jogo a criança sempre se educa” (KISHIMOTO, 1998, p. 23).

Por isso, os jogos são importantes na prática educativa e no desenvolvimento intelectual, social, pessoal e físico das crianças, seu uso em sala de aula se torna benéfico e essencial nos processos de ensino e aprendizagem, tanto na Educação infantil quanto nos anos iniciais do Ensino fundamental, motivando e proporcionando momentos lúdicos e educativos de maneira interligada, potencializando a educação. Os jogos se tornam recursos ativos para o ato de ensinar e aprender, pois o professor deve também experienciar e compartilhar sua prática com seus estudantes, a fim de vivenciar e estimular uma aprendizagem coletiva. Visando finalidades de saberes a serem alcançados juntamente com o progresso integral do educando.

Lopes (2000, p. 23) ressaltou a relevância que os jogos possuem para a aprendizagem, não só infantil, mas em todas as idades, salientando alguns pontos essenciais que essas atividades proporcionam para quem participa, além de dar ênfase no ato de participação do processo, o que acaba gerando muito mais interesse.

É muito mais fácil e eficiente aprender por meios de jogos e isso são válidos para todas as idades, desde o maternal até a fase adulta. O jogo em si possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo, e a confecção dos próprios jogos é ainda muito mais emocionante do que apenas jogar (LOPES, 2000, p. 23).

Nos anos iniciais do Ensino fundamental essa prática também pode facilitar a aprendizagem, promovendo a potencialização de aspectos sociais, morais e cognitivos, além de perpassar os mais diferentes saberes e habilidades. Sendo o professor o maior responsável pela mediação da educação na sala de aula e fora dela, é necessário que haja um planejamento adequado, dando significado a cada atividade desenvolvida, contextualizando e refletindo sobre os aprendizados adquiridos, sem limitar as experiências que ocorrerem através dessas atividades, aliás, todo e qualquer fato merece atenção e é válido para o crescimento integral do ser.

Alguns jogos infantis como amarelinha, esconde-esconde, dança da cadeira, cabo de guerra entre outras, se perpetuam de geração em geração a milhares de anos, muito deles estão vivos até nos dias de hoje, preservando sua estrutura inicial, as forças dos jogos são resultado do poder da expressão oral, que perpassa tempos, idades e valores, dando continuidade à cultura infantil e desenvolvendo o ser integralmente, por meio da convivência social e crescimento intelectual.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a habilidade EF12EF03 consiste em “Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas” (BRASIL, 2008, p. 227).

Essa habilidade ressalta a importância da apropriação cultural através dos jogos tradicionais, sendo necessário que o professor reflita seu planejamento baseando-se nisso, e formule uma didática pedagógica para proporcionar ensino e aprendizagem do meio social e da cultura de cada criança.

Nessa perspectiva, Kishimoto (1998, p. 25) abordou da seguinte maneira:

O jogo tradicional infantil é um tipo de jogo livre, espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de o fazer. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, o jogo tradicional infantil tem um fim em si mesmo e preenche a necessidade de jogar da criança. Tais brincadeiras acompanham a dinâmica da vida social permitindo alterações e criações de novos jogos.

Nesse caso, os jogos tradicionais infantis permitem uma ação totalmente livre, pelo sentimento lúdico existente, ou seja, um momento de prazer e diversão. Mesmo sendo através de atividades livres, sua relevância para a aprendizagem infantil é significativa, resultando em benefícios para quem pratica. Então, os jogos não precisam conter um conteúdo ou um objetivo específico pedagógico para ensinar, sua vivência por mais simples que seja o ato de brincar é certo que haverá de uma forma ou outra a aprendizagem. Os jogos livres promovem maneiras de desenvolver a expressão, a cultura, a si mesmo e a integração na sociedade, por isso, é necessário que haja espaço para essas experiências sem denominar somente jogos educativos com fins educacionais.

Os jogos, sendo eles com fins didáticos educativos ou não, possuem características que agem positivamente no desenvolvimento infantil, dentro do contexto escolar, o professor como mediador da educação deve organizar os espaços de acordo com sua realidade para promover a experiência de cada estudante nessa concepção, oportunizando crianças não só da Educação infantil, mas, também, dos anos iniciais do Ensino fundamental a vivenciarem

uma educação e formação por meio de momentos lúdicos e diversos jogos e brincadeiras. Garantindo assim, a essa etapa de ensino também a concretização do direito de brincar que é definido a todos sem exceção.

Os jogos na educação são contemplados no Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI), como elementos importantes para a prática pedagógica do docente a ser usada nas escolas, auxiliando como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem:

Não se deve confundir situações nas quais se objetiva determinadas aprendizagens relativas a conceitos, procedimentos ou atitudes explicativas com aquelas nas quais os conhecimentos são experimentados de uma maneira espontânea e destituída de objetivos imediatos pelas crianças. Pode-se, entretanto, utilizar os jogos, especialmente àqueles que possuem regras, como atividades didáticas. É preciso, porém, que o professor tenha consciência de que as crianças não estão brincando livremente nestas situações pois há objetivos didáticos em questão (BRASIL, 1998, p. 29).

Neste caso, os jogos devem manter sua prática lúdica, ocasionando bem-estar, e prazer individual, transformando o jogo educativo em momentos de aprendizagens leves e de consideráveis valores pedagógicos.

2.4 Inclusão

A educação é estabelecida como direito de todos na Constituição Federal (BRASIL, 1988) no artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Sendo assim, ela deve ser ofertada sem qualquer distinção ou diferenciação, ser igualitária para todos, em sua totalidade de ensino, aprendizagem e experiências sociais, cognitivas, físicas e pessoais.

A inclusão é a garantia de direitos igualitários para todos, sem qualquer distinção com objetivo de promover uma sociedade mais justa e menos excludente. No contexto educacional, a educação deve garantir o acesso, permanência, participação e aprendizagem de todos, de modo que venha extinguir qualquer exclusão ou segregação. A educação está garantida como um direito na Declaração sobre os Direitos das Crianças (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1959), sendo imprescindível na vida de todas as pessoas, definida a promoção de uma educação significativa e capacitativa de condições iguais de oportunidades, sem exceção ou distinção.

A escola possui uma grande responsabilidade de transmitir essa educação de qualidade, valorizando as diferenças e reconhecendo as especificidades de cada estudante. O ensino deve visar a igualdade dentro da escolarização, com isso, é indispensável que todos possuam uma boa educação, independente das eventuais limitações, sejam elas físicas, psíquicas, sociais ou emocionais. É necessário valorizar as qualidades de cada aprendiz e incorporar as particularidades para criar assim, um ambiente acolhedor, transformador e de convivência plural.

É importante ressaltar que cada indivíduo aprende de uma maneira, portanto, o educador precisa ter diversas estratégias para aplicar com os mais diferentes estudantes. Com isso, é possível facilitar a aprendizagem das crianças que possuem algumas limitações através do uso de jogos e brincadeiras, proporcionando momentos lúdicos e ricos para o crescimento individual e coletivo.

Em Vigotski (2007), existia a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem. Estas relações se dividiam em dois tipos de desenvolvimento, o real e o potencial, que se faziam presentes na zona de desenvolvimento proximal. [...] A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinada através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2007, p. 97).

Esse conceito mostra a importância da ajuda do outro, adultos, professores e até colegas, a criança será capaz e terá mais possibilidades de se desenvolver coletivamente do que sozinha. Então, a mediação do professor se torna algo indispensável e crucial nos processos de ensino e aprendizagem.

Para Vigotski (1989), todas as crianças podem aprender a se desenvolver, as mais sérias deficiências podem, sim, serem compensadas com ensino apropriado, pois, o aprendizado adequado e organizado resultará em desenvolvimento mental. Nessa perspectiva, nota-se que todos, sem exceção, possuem a capacidade de se desenvolver e para isso, no âmbito escolar cabe ao professor mediar e criar práticas educativas organizadas e adequadas, que reconheçam individualidades e especificidades, possibilitando assim, as aprendizagens de cada um.

Vigotski (1989) considerou que a deficiência não configura um empecilho para o desenvolvimento do indivíduo. O que influenciaria na inibição desse impedimento seriam as estratégias criadas, a maneira de lidar com as dificuldades, negando condições de trocas e relações significativas que dariam condições de crescimento ao indivíduo. Então, é

importantecentralizar nas possibilidades dos estudantes oferecidas através das mediações. É dever do professor preparar um ambiente propício para que essas pessoas se desenvolvam e participem de forma plena.

Existem algumas implicações para as práticas pedagógicas serem efetivas. De acordo com Vigotski (1989), nas crianças com problemas mais sérios deve-se desenvolver os sentidos sadios para que sejam compensados os que foram perdidos. Sendo assim, a educação deve acontecer através das possibilidades e não dos impedimentos; ao invés de focar no déficit, é focado nas formas que se pode mediar relações e práticas educativas que sejam significativas, de modo que essas pessoas tenham acesso ao conhecimento de qualidade. As deficiências ou limitações não podem servir de justificativa para um ensino empobrecido, ou para uma educação de exclusão, muito menos para a não aprendizagem desses estudantes.

Moura, Santos e Marchesini (2021), baseadas na perspectiva sócio-histórica de Vigotski, apontaram os impactos da brincadeira em aspectos do desenvolvimento infantil, abordando a importância do brincar e da estimulação lúdica em crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Fazendo necessário pensar como a brincadeira, perpassando o campo biopsicossocial afeta essas crianças, observando suas peculiaridades de relação de si e do outro. Ressaltaram, também, como o brincar possibilita estímulos e enriquecimento de aprendizagens mútuas para todas as crianças, com deficiência ou não, trazendo a funcionalidade da brincadeira.

Atividades que promovam o sentimento lúdico agem diretamente no desenvolvimento de habilidades e percepções sobre o mundo ao seu redor, além de estimular a criatividade e facilitar o processo de aprendizagem. Jogos e brincadeiras podem ser aliados na inclusão de crianças com deficiência na escola e na sociedade em geral. A escola com seu dever inclusivo deve propiciar a todos os estudantes momentos de ensino e ludicidade.

Crianças com deficiências de origem motora, cognitiva, auditiva, visual, de fala ou outras, possuem a capacidade de aprender como qualquer outra, mas para isso é necessário que o professor faça a mediação e adaptação necessária. Ao brincarem e jogarem, consequentemente superarão desafios extremamente relevantes para o desenvolvimento e saúde mental, além de ser um aprendizado mais leve e divertido.

Buscar atividades inclusivas é imprescindível, sem distinguir nenhuma criança, independentemente de sua limitação. Todo ser humano possui especificidades, pessoas com deficiência não possuem desvantagens, é a sociedade que colabora para que ocorra alguma desvantagem, sem estar devidamente preparada para receber a diversidade de corpos e vivências, cabe a sociedade, e no contexto escolar ao professor, organizar o espaço

pedagógico e planejar atividades para receber e desenvolver todos os educandos em sua integralidade, sem exclusão, respeitando sempre os limites e as individualidades de cada um. Qualquer atividade pode ser adaptada, dentre elas os jogos e brincadeiras, agindo como facilitadores de uma educação de qualidade e de momentos lúdicos.

O professor possui um papel mais que fundamental nas vidas dos seus estudantes, por isso, deve sempre promover uma educação inclusiva de fato, em que todos participem, que haja possibilidades, descobertas e aprendizagens sem qualquer distinção. Isso é necessidade, precisão essa, que muitas vezes não acontece, não se pode dar continuidade a um ensino que exclui os incluídos, as crianças além de frequentar as instituições escolares, possuem o direito de aprender, de vivenciar todas as experiências que a escola como um todo, transcende.

Educar, é mais que transmitir conteúdos prontos, é perpassar a aprendizagem nos demais modos, reconhecendo as pluralidades e considerando a educação como princípio essencial para a vida. O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI, 1998) salientou o ato de educar com os seguintes princípios:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis (BRASIL, 1998, p. 23).

Pode -se afirmar que a importância de educar com amor e respeito vai além do que perpassar conteúdos programáticos, mas engloba todo um processo de cuidar, transmitir conhecimentos, reconhecer e trabalhar através das diferenças e especificidades de cada criança, isto é, promover uma educação ampla, que acolha, respeite, conheça e transgrida saberes significativos para todos, sem distinção, não somente definido em lei como um direito, mas experienciado no dia a dia como efetivação concreta de vida.

A partir desses momentos é possível promover uma educação que seja de fato inclusiva. Tal como referiu Rodrigues (2000, p. 10):

A Educação Inclusiva é comumente apresentada como uma evolução da escola integrativa. Na verdade, ela não é uma evolução, mas uma ruptura, um corte, com os valores da educação tradicional. A Educação Inclusiva assume-se como respeitadora das culturas, das capacidades e das possibilidades de evolução de todos os alunos. A Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. É uma escola que reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade.

Para isso, cabe a cada educador buscar formas de educar com princípios essenciais, inclusão, participação, aprendizagem e permanência, a fim de preparar o ambiente educativo de acordo com as necessidades de seus educandos, trazendo formas de uma educação leve, interessante, crítica e divertida, por meio de jogos e brincadeiras, promovendo momentos lúdicos. Portanto, através das brincadeiras a formação do ser pode ir além do comum, abrangendo todos os seus aspectos, sejam eles físicos, sociais, cognitivos e culturais.

PARTE 3 MINHA PRÁTICA

Apresentarei, a seguir, duas experiências que realizei no 3º ano do Ensino fundamental, em duas escolas distintas da rede pública de educação do Distrito Federal.

3.1 Estágio 1

Observei, no primeiro estágio supervisionado, em uma turma de 3º ano do Ensino fundamental no período de 15 de agosto a 23 de setembro de 2022 totalizando 60 horas de prática, em uma escola pública do DF. O estágio foi acompanhado pela professora regente da turma e pela diretora escolar. Sendo realizado no período vespertino, em uma turma reduzida de 15 crianças, dentre essas, duas alunas autistas; uma turma muito calma e tranquila nas relações entre si e com a professora. Na observação havia o intuito, de buscar, informações a respeito da prática adotada pela professora da sala sobre o uso do lúdico com jogos e brincadeiras nos anos iniciais do Ensino fundamental e também o interesse dos alunos pelas atividades.

É importante ressaltar que no primeiro dia do estágio, além de conhecer os alunos, a escola e a professora regente, aconteceu uma apresentação de livros e materiais didáticos mais usados e fornecidos com objetivo na alfabetização e letramento das crianças. A professora apresentou esses materiais e ressaltou a importância de se trabalhar leitura e escrita com eles, já a pandemia gerou um grande déficit de aprendizagem e ela notou isso de maneira frequente na sua turma, porém, com sua didática minuciosa, afirmou um avanço do início do ano letivo até aquele momento.

As atividades desenvolvidas basearam-se no acompanhamento da professora em todas as suas atividades, auxiliando quando me fosse solicitado. Com a facilidade da turma e a quantidade de alunos, acabei auxiliando mais nas realizações das atividades, tirando dúvidas e ajudando na execução das tarefas passadas pela professora, ficando à disposição dos aprendizes a todo momento para solução de questões. Outra atividade desenvolvida de extrema importância foi a coleta de informações com foco na observação global da aula, na relação professor/aluno e nas formas de interação, nas modalidades didáticas, materiais, atividades, planejamento pedagógico, resolução de problemas, ensino lúdico, uso de jogos e brincadeiras para a aprendizagem e outros tópicos que eventualmente surgem no decorrer das aulas. Além disso, existiu a disposição para qualquer outro desempenho se acaso fosse solicitado pela professora, e pelos estudantes.

Os dois pontos mais realizados no estágio foram a observação e o auxílio para as crianças na hora de fazer as atividades. Já nos primeiros dias da minha inserção naquela sala, foi possível criar uma relação de afeto enorme com todas as crianças, até as mais tímidas, uma estratégia que influenciou essa relação de proximidade, afirmo sem dúvidas que foi o uso de brincadeiras nos momentos vagos. No intervalo, por exemplo, sempre ficava na sala e brincava com eles de alguns jogos tradicionais, como adedonha, jogo da forca e até de adivinhar pensamentos (brincadeira que criamos, no intuito de adivinhar o que o outro estava pensando naquele momento, apenas com pequenas dicas) além de brincar de faz de conta com as meninas, na maioria das vezes eram brincadeiras de representação da vida cotidiana, intituladas como “mamãe filhinha” na qual se dá ênfase na simulação, no imaginário. A importância desse ato é ressaltada por diversas pesquisas como já falado no decorrer desse trabalho, mostrando a eficácia para desenvolver o cognitivo, afetivo e social das crianças.

Edda Bomtempo (2009, p. 69) trouxe a seguinte questão:

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem a oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo como mundo dos adultos, onde “ela estabelece seu controle interior, sua auto-estima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros” (Garbarino e colab., 1992).

Esses momentos sem dúvidas foram cruciais para essa aproximação. Os aprendizes se sentiam muito à vontade para tirar dúvidas, conversar sobre tudo e solicitar ajuda a qualquer momento. Com um nível de afeto e proximidade a relação pessoal com a turma e da aprendizagem se tornou muito mais leve e divertida. Percebi então, que promover momentos lúdicos, seja com jogos e brincadeiras, ou outras situações, é muito importante para conhecer os estudantes, compreendê-los e também a si próprio. A educação para mim baseia-se no amor, na empatia e no reconhecimento do outro, portanto, momentos assim, podem promover uma melhor relação entre educador e educando, possibilitando uma educação mais afetiva e emancipatória.

O estágio acontecia em três dias da semana e as aulas nesses dias eram de Português, Interdisciplinar e Educação Física. A turma era calma, existia respeito entre pares, a professora sempre gostava de trabalhar em grupos, assim, cada criança poderia ajudar as outras em suas dificuldades. Eu me fazia presente em todos os grupos e as aulas fluíam de maneira leve e muitas vezes engraçada, as crianças se sentiam à vontade para tudo, até para contar piadas de vez em quando. Era uma sala harmoniosa, mas não deixava de existir problemas como qualquer outra. Com a pandemia, muitas crianças ficaram afetadas em

relação à alfabetização, e isso era um impasse a ser enfrentado. Havia dois estudantes que não sabiam ler e segundo a professora, certamente já iriam repetir de ano, pois ela sozinha não conseguia dar a atenção devida para eles, individualmente, e isso era um grande impasse. Então, durante as aulas, eu me dedicava a ficar também lado a lado com eles, para auxiliar nas aulas e na realização de tarefas

A professora utilizava o livro didático em todas as aulas, eles faziam as atividades e depois ela corrigia com a turma, as crianças não gostavam tanto do livro, achavam cansativo fazer todos os dias grandes quantidades de questões. Percebi que a enorme dificuldade que tinham os dois educandos baseava-se no livro, mas quando eram feitos outros exercícios, eles se destacavam bastante mesmo sem saber escrever. A educadora dessa turma havia feito alguns cursos de formação de professores do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran) que disponibilizou a ela uma caixa pedagógica cheia de jogos educativos para aplicá-los na turma, dentre eles quebra-cabeças, jogo da memória, tabuleiros, placas de trânsito perfuradas e cadarços para realizar amarrações. Porém, ela já havia feito o curso do Ensino fundamental e relatou ter que cursar novamente, na modalidade da Educação infantil só para conseguir a caixa, pois os jogos e materiais pedagógicos não eram disponibilizados para o Ensino fundamental.

Com essa situação, percebe-se o quanto o uso de jogos e brincadeiras vão deixando de existir conforme as crianças vão crescendo, na qual, até mesmo um curso de formação continuada, acaba perdendo a possibilidade de promover e passar essas estratégias educativas que segundo diversos autores, possuem uma grande importância no desenvolvimento social, intelectual e cognitivo dos estudantes. Os momentos lúdicos que podem ser proporcionados através de brincadeiras ou jogos possuem um valor educativo, não só para a Educação infantil, mas para todos, da infância à fase da terceira idade, o que muda são as formas que devem ser pensadas e aplicadas, considerando a realidade de cada um, e tomando sempre cuidado para não infantilizar demais a depender da idade. Até mesmo os adultos aprendem brincando, quem não gosta de viver momentos lúdicos e divertidos? É por isso, que ressalto a importância de possibilitar às crianças maiores a também vivenciarem essas experiências, afinal é um direito definido em lei.

Mesmo fazendo o uso contínuo do livro didático, ela costumava dinamizar as aulas aplicando esses jogos. Em um determinado dia, no qual se falava sobre trânsito, segurança, direitos e deveres dos motoristas e pedestres, ela aplicou uma atividade que se tornou muito lúdica para as crianças, um momento de descontração e leveza. Cada estudante recebeu um papel de multa no trânsito, primeiro toda a turma definiu os valores que seriam pagos por

cada infração, depois eles levaram para casa e multaram seus familiares de acordo com os erros que eles cometiam no cotidiano. No dia seguinte todos comentaram um pouco sobre a experiência e retomaram o conteúdo. Nessa atividade, foi possível perceber através da reação e feedback dos estudantes como uma simples tarefa aplicada de forma lúdica, favoreceu a aprendizagem daquelas crianças, na qual elas falaram que foi extremamente divertido e alegro realizar aquela atividade. Comparei as primeiras respostas do livro sobre o assunto com o debate feito em sala depois da brincadeira imaginária, de que eles seriam os guardas de trânsito que multavam, e a aprendizagem se tornou muito mais significativa depois dessa situação.

Segundo Kishimoto (2009, p. 24), através de uma aula lúdica, o educando é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. “Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade”.

Portanto, a atividade passa a ser mais completa e relevante, proporcionando uma considerável aprendizagem, sem opressão e fadiga.

Vale ressaltar que não é preciso muito, para tornar o ensino mais atrativo, e algumas crianças ressaltavam que no ano anterior brincavam muito e se divertiam no parque, mas que agora eles não podiam, pois já estavam crescendo, sentiam falta, mas a professora também passava exercícios legais, usava jogos e brincadeiras para que aprendessem melhor, e isso era algo muito bom e diminuía a falta do parque.

Através dos jogos do curso, que eram sobre trânsito, a professora nas aulas denominadas de interdisciplinares, permitia que eles jogassem livremente ou em grupos. A atividade das placas de trânsito perfuradas e cadarços para fazer amarrações, ficou marcada em mim, por uma menina (TEA) de 10 anos, falar que amava fazer aquilo, que ela relaxava e ficava calma, que aquela atividade promovia sensação de paz. Acredito que ela definiu também, da sua forma, o conceito de ludicidade. Ficou ainda mais explícito o fato que o lúdico auxilia na aprendizagem, contribuindo no desenvolvimento social, pessoal e cultural, proporcionando socialização e aquisição do conhecimento.

Além desses momentos em sala, nas aulas de Educação Física, eles brincavam livremente, estavam sem professora naquele período, pois ela se encontrava de licença maternidade. Sendo assim, os estudantes podiam escolher sempre qual seria sua atividade na quadra, as meninas costumavam brincar de boneca, e os meninos de bola, mas algumas, adoravam jogar com os garotos. Eram momentos de pura diversão, mas às vezes pediam que

a professora regente direcionasse alguma brincadeira específica à turma, porém sem sucesso, a educadora dizia para que aproveitassem de modo livre. Muitas vezes na quadra, aconteciam alguns conflitos e discussões entre as crianças, que discordavam umas das outras, a professora intervia se fosse solicitada e conversava, orientando que ela não iria dar a última palavra, mas que eles próprios precisavam achar a melhor forma de resolução entre si, e assim, sempre acabava bem, sozinhos eles conseguiam se entender dando continuidade aos bons momentos.

Entende-se que brincando a criança aprende regras, sentimentos bons e ruins, como frustrações de perda e alegrias da vitória descobrindo como lidar com os seus sentimentos e com os do outro. Solucionando impasses e aprendendo mais sobre a empatia. Através do ato de brincar é possível aprender muito sobre a vida, e até mesmo nos conflitos existe um processo educativo que deve ser desenvolvido. O educador deve estar sempre atento, quando e de que forma agir, a intervenção adequada possibilita inúmeras oportunidades de aprendizagem. O brincar na educação é de grande importância, porque é o meio mais fácil da criança aprender a lidar com as frustrações e a socialização fundamental para vida. É por meio dessas vivências que a criança amadurece e estabelece suas próprias condutas e emoções desenvolvendo sua autonomia.

A educação não se baseia em conteúdo a ser ensinado, mas abrange todas as áreas da vida, seja formal ou informalmente, com isso existe a necessidade do professor sempre estar atento e ter o olhar e escuta sensível aos seus estudantes, todo processo de vida educa, por mais mínimos que pareçam ser, a formação do ser humano é complexa e tudo é importante. Conforme Barbier (2007, p. 94): “A escuta sensível apoia-se na empatia”. Esta afirmação explica de maneira simples e precisa um ponto importante da escuta sensível, que é colocar-se no lugar do outro, com amor, paciência e empatia, a partir da conexão com o próximo que nos fala. Essa prática dentro da escola é mais que essencial para os professores, pois trabalham em entender seus estudantes de forma empática, sem julgamentos e opressões. Levando então, uma convivência de confiança, respeito e harmonia.

Ainda nessa questão, Cerqueira e Souza (2011, p. 16) salientaram uma análise sobre realidades violentas e sua relação com a infância no processo de desenvolvimento dos sujeitos, com isso, crianças que vivem em um contexto de desamor e violência podem levar isso até a vida adulta, reproduzindo suas vivências de não escutar, anular e desrespeitar o outro. As autoras deixaram explícita a importância de uma educação amorosa, que escuta seus aprendizes e considera as experiências de vida de cada um:

[...] Uma criança que cresce sem ser notada, escutada, amada, torna-se futuramente um ser insensível, frio, tais como os milhares de traficantes de drogas, assassinos, estupradores que são figuras muito presentes na nossa sociedade. Mas se pensarmos bem, como poderia ser diferente? Se foi em um contexto de desamor que eles cresceram, será um contexto de desamor que eles vão criar. Para amar o outro, é preciso que nos amemos e que nos sintamos amados. Longe de nós queremos colocar a culpa em alguém. [...] Afinal, para que se colha o bem é necessário plantá-lo.

A partir disso, percebe-se a importância que a escola e o educador têm no papel formativo do sujeito, não só em questões de aprendizagens educativas, mas em toda construção do ser social e pessoal.

Vieira e Moreira (2018, p. 550) ressaltaram a necessidade de uma educação que abranja mais que as aprendizagens e conteúdos, mas que perceba o educando como um sujeito de direitos constituído de experiências, considerando sua realidade humana e social.

Diante desse contexto, necessita-se de uma prática docente que não esteja restrita apenas à dimensão cognitiva, mas que também contemple a formação integral do indivíduo dentro da perspectiva de intervenção na realidade social. A docência aqui é constituída como um campo de intervenção profissional da prática social que tem como desafio propiciar o desenvolvimento humano do estudante, para que este possa adquirir condições de atuar frente às exigências do mundo contemporâneo, tornando-o mais justo e humanizado.

Para que mudanças aconteçam, deve-se reconhecer as realidades de forma individualizada e criar as oportunidades para pessoas que cresceram em realidades prejudicadas possam sair delas, transformando sua realidade de vida. A escola tem uma enorme função nessa perspectiva. Portanto, a relação entre professor e aprendiz está também como algo que vai além do ambiente de sala de aula e que se abrange nas vivências gerais, sendo um dos focos da escuta sensível, já que o espaço escolar é constituído por diversas diferenças e realidades específicas.

Foi possível perceber, através das atividades que geravam mais interesse nas crianças, a partir do uso dos brinquedos, como uma educação mais atrativa realça a aprendizagem, como momentos lúdicos promovem atenção, interesse e aprendizagens leves. Essa experiência de estágio, me permitiu aprender a olhar mais o próximo, a respeitar meus aprendizes, a relação de respeito e amor que a professora regente possuía era a mais linda forma de educar, sempre oferecendo o seu melhor. Além de perceber o quão as crianças dos anos iniciais do Ensino fundamental sentiam falta de uma educação mais lúdica, mesmo tendo uma professora que procurava desenvolver isso com elas, da maneira que conseguia. Essa falta foi exposta.

Na atuação de estagiária, foi possível realizar reflexões referentes à teoria estudada em todo o curso de Pedagogia, relacionando com a prática desenvolvida, os conhecimentos e as experiências vivenciadas. Estas análises foram imprescindíveis para compreender a realidade de uma sala de aula e de obter experiências da profissão.

O impacto da experiência pedagógica é muito relevante para a formação docente, pois como já dito, a teoria estudada na Universidade se alia com a prática em sala de aula, proporcionando a possibilidade de participar de diversas experiências da futura profissão. Este estágio contribuiu para uma formação significativa, colocando em contato com a realidade ali presente. Percebe-se que, com o estágio, a aprendizagem e a formação foram muito mais abrangentes, pois o participante se conhece melhor, e essas atividades criam-se e desenvolvem-se no contexto real de sala de aula e educação. Essa imersão na realidade muitas vezes causa impactos positivos ou negativos, mas mais que isso, causa transformação de formação docente.

As vivências na realidade docente são essenciais para reconhecer os impasses e as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, a fim de promover um ensino de qualidade como é visto em lei, o contato com o real possibilita enxergar as dificuldades e alegrias existentes no processo de educar.

3.2 Estágio 2

O estágio baseou-se em observação participante a fim de levantar dados sobre a Instituição (campo de estágio) nas dimensões: organizacional, profissional e social para conhecer e refletir sobre a instituição e o seu contexto, participando de forma colaborativa e vivenciando situações da prática pedagógica, processos de ensino e aprendizagem e da organização do trabalho docente. Foram realizadas observações, registros e tematização da prática de professores, além do planejamento e do desenvolvimento de atividades pedagógicas com as crianças, sendo todos estes, pontos importantes que compõem o relatório.

A sala de aula em que aconteceu o estágio, era um espaço amplo, com armários para todos, computador e televisão, quadro branco, ar condicionado e ventilador, um espaço acolado com colchonete e murais de atividades realizadas. A observação foi um momento importante de análise metodológica e conhecimento do campo. Os principais objetivos eram conhecer as regras que regem as aulas, além da dinâmica entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Aqui, relatarei de maneira sucinta e simples tudo que vivenciei com essa turma, sem ignorar pontos importantes da experiência.

As observações ocorreram em uma turma reduzida de 3º ano do Ensino fundamental, composta por 16 educandos, dentre eles, dois possuíam o transtorno do espectro autista (TEA). O primeiro dia foi marcado de frio na barriga, mesmo que eu já tivesse tido contato com a sala em outras oportunidades, os pensamentos que se passavam em minha cabeça eram os mais diversos, do medo à curiosidade. Cheguei na escola e a coordenadora me destinou a uma sala, disse que escolheria alguma que estivesse livre. Batemos na porta e fomos recebidas pela professora regente, amorosa e acolhedora. O primeiro dia baseou-se em conhecer os educandos, trocar apresentações falando o nome e local em que morávamos, todos falaram e assim se deu início ao estágio.

A maioria das crianças eram tímidas, mas curiosas, faziam perguntas sobre tudo, como por exemplo: “Tia, você vai vir todo dia?”. “Que dia vai dar aula pra gente?”. “Quantos anos você tem?”. E, ao mesmo tempo em que perguntavam, explicavam como era o funcionamento daquela turma, ressaltando os cuidados que tinham com a Criança 1, como irei chamá-la, a fim de proteger sua identidade, ela amava ficar de mãos dadas e caminhar pela sala, adorava bolos de aniversário e me chamava para cantar parabéns todos os dias em que eu entrava na sala, nossa conexão foi algo natural, uma garotinha autista que era acompanhada diariamente de uma educadora social.

As sessenta horas foram divididas em dois dias por semana, as segundas e quartas, as aulas que aconteciam nesses respectivos dias eram de português, matemática, educação física e produção de texto. O período em que eu realizei o estágio foi corrido, já que eles estavam perto das provas e de uma exposição para os pais, do projeto que trabalhava as regiões do Brasil, na qual cada turma ficava com uma região e passava o decorrer do ano desenvolvendo atividades sobre a temática e a cultura em geral. Sendo assim, frequentei dias em que eram extremamente corridos, entre terminar as tarefas, organizar para exposição e trabalhar os conteúdos para as provas.

Desde o primeiro dia de inserção na escola, procurei ajudar a professora a desenvolver suas atividades de forma ativa, de início observava a turma, enquanto ensinava uma criança na aula, já que possuía grandes dificuldades na leitura e escrita. Depois desse momento inicial, a educadora regente solicitou a mim que corrigisse tarefas do livro no quadro com eles e revisasse conteúdos que caíam nas provas de português e matemática, fiz tudo da maneira como ela costumava fazer e seguindo suas instruções. Então, nesse período, pude corrigir tarefas, revisar conteúdos, ajudar os estudantes a tirar dúvidas e solucionar problemas, auxiliar no desenvolvimento de exercícios do projeto, além de cada dia conhecer mais sobre o ensino escolar, as crianças, suas vivências e impasses na prática.

A turma, no geral, era unida e tinha boa relação, todos os dias eu era bem recebida com comemorações dos pequenos e um sorriso bondoso da professora, que me acolheu, de braços abertos, desde a primeira vez. As crianças gostavam muito dela, e tinham um relacionamento de amizade, respeito e distração. A educadora regente sempre procurava ouvir as dúvidas e indagações durante as aulas, mesmo que estivesse explicando algum conteúdo, além de conversar sobre outras questões, acolhendo e aconselhando seus aprendizes. Paulo Freire (2011, p. 4) abordou sobre uma relação aberta e libertária do professor com seus educandos:

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.

Segundo essa afirmação de Freire e a observação da turma, pude perceber como a relação do professor com seus educandos é importante no processo de ensino e aprendizagem, na qual a turma convivia em harmonia e alegria com a educadora regente, havendo sempre uma relação respeitosa de ambas as partes, auxiliando no desenvolver das aulas.

Ainda relacionado à escuta sensível, Paulo Freire (2011, p. 27) frisou a importância do professor estar aberto aos seus estudantes e ouvi-los sempre:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Nesse caso, acredito que ter uma escuta sensível e acolhedora é indispensável no cotidiano escolar para que, na metodologia e relação do professor, o estudante, consiga reconhecer-se como sujeito cultural, social e histórico, desenvolvendo também a confiança e afeição nessa relação. Felizmente, no estágio pude observar uma professora completamente respeitosa, e com isso, consequentemente estudantes que ofereciam o mesmo a ela. Era de fato uma turma tranquila e adorável. Ouvir o outro é um papel mais que fundamental para o professor, escutar os seus aprendizes permite bem mais que conhecê-los, possibilita uma aprendizagem mais completa e eficaz. É em relação a essa necessidade e potência educativa e humana de escutar o outro que Cerqueira e Souza salientaram:

A escuta sensível é uma porta que nos leva a conhecer o outro na sua totalidade humana e social. Permite-nos conhecer as várias faces de uma pessoa: seu lado forte, seu momento frágil, sua dor, sua alegria, sua coragem, seu medo; a escuta nos permite a aproximação, e esta é a proposta da escuta sensível: entrar em totalidade com o outro (CERQUEIRA; SOUZA, 2011, p. 17).

Portanto, percebe-se a real necessidade da relação professor e estudante no processo de escuta e respeito, sendo um ponto fundamental para a construção da confiança e o desenvolvimento de uma educação mais amorosa e acolhedora. Quando existe um caminho de proximidade e reconhecimento do outro, é mais fácil entender e ter empatia pelo próximo, isso na educação é sem dúvidas indispensável, tanto para o educador quanto para as crianças.

3.2.1 Percepções acerca do uso do livro didático

As aulas ocorriam de maneira leve e rotineira, a maior parte das atividades eram direcionadas pelos livros didáticos de todas as disciplinas, todos os dias a professora corrigia as tarefas de casa no livro e aplicava mais, sempre era passado dever de casa do livro. Percebi então, que além de se tornar mais constante do que imaginei, seu uso era indispensável, realizavam inúmeras tarefas nele na sala e fora dela. Com isso, a professora acabava se limitando ao conteúdo que era disponibilizado ali, e algumas crianças não tinham tanta paciência e facilidade de acompanhar as aulas. De forma alguma, retiro o valor o livro didático para o processo de ensino e aprendizagem, mas percebi que muitos estudantes por conta do seu uso constante achavam as aulas repetitivas demais.

De acordo com Gonçalves (2007), o educador deve repensar sua maneira de utilização entendendo que os livros didáticos precisam ser vistos como suporte de ensino e de aprendizagem. Sendo necessário utilizá-los de forma criativa e sem limitação, já que, em sua maioria, apresentam atividades de modelo tradicional, favorecendo a memorização de fórmulas e reprodução de conceitos. Nesse caso, o livro pode ocasionar uma influência negativa, pois, no âmbito dos processos de ensino, está favorecendo a reprodução de conhecimento. Sendo assim, o uso de livros didáticos pode favorecer ou não as aulas, a depender de como for aplicado.

Ademais, Gonçalves (2007) afirmou, também, que o livro didático deve ser utilizado como um recurso para auxiliar a prática do professor e não tem que ser usado de forma única, ou seja, ele deverá ser interligado aos recursos didáticos e que juntamente em um processo, constituirão uma prática pedagógica eficaz.

A professora regente da turma, em uma conversa comigo disse usar bastante o livro didático pois facilita no perpassar de todos os conteúdos que são cobrados para o ano, já que são organizados sequencialmente abrangendo maior parte dos temas necessários. Além disso, ela aplicava atividades impressas e escritas no quadro. Ao analisar os livros notei que eles são bem instrucionais e auxiliam no decorrer das aulas, contendo dicas de como ministrar os assuntos, de acordo com Silva Junior e Régner (2007) é um material que os educadores podem contar para sanar parte de suas dúvidas não resolvidas no processo de sua formação.

Vesentini (2007, p. 166) abordou a respeito do livro didático da seguinte forma “O livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte única de referência e contrapartida dos erros das experiências de vida”.

Sendo assim, o livro é sim um auxílio para o professor e é um material essencial no processo de ensino e aprendizagem, porém, ele deve ser trabalhado na junção de outros meios pedagógicos, que formarão práticas eficientes para o educar. Foi possível notar que esse material tem sido visto como protagonista em muitas aulas. E perceber que na maioria das vezes o livro didático pode reduzir a prática docente numa rotina maçante e opressora, no instante em que ele assume o papel principal ao invés de ser um apoio do processo. Com isso, reflito como seria a prática dos educadores sem ele, alguns se sentiriam perdidos? O que fariam para planejar e executar suas aulas? Como seriam desenvolvidos os conteúdos?

Ademais, o uso desenfreado do livro pelos professores nas suas aulas, pode estar relacionado a uma facilidade do professor, é muito mais rápido e prático solicitar ao estudante que realize tarefas prontas do que preparar, pensar, pesquisar e discutir diferentes conteúdos. Muitos educadores acabam se baseando somente nesse instrumento, existindo até mesmo uma cobrança de terminar todo o material, cobrança essa, que existia na sala em que eu estive, os últimos dias foram extremamente cansativos para as crianças, pois faziam mais de 10 páginas do livro em uma aula, a professora regente me disse a seguinte frase “Precisamos fazer muitas páginas com eles hoje, porque estamos atrasados, quero completar todas essas atividades antes que o ano letivo se encerre” aqui, vemos uma auto obrigação de conclusão do livro. Algumas frases eram ditas pelas crianças ao decorrer dessas aulas:

- “Tia, cê não tem dó de nós não?” – Garotinho de 10 anos.

- “Prof, a senhora é a melhor professora do mundo, já tá bom de página” – Menina de 9 anos.

Alguns dias começávamos e finalizávamos com livro, do início ao fim, realização de atividades e correção, e assim seguia. Segundo Baliski (2016, p. 86), “podemos observar o emprego excessivo do livro didático em várias escolas do Brasil, sendo em alguns casos o único material utilizado, servindo como fonte de organização de currículo, planejamento, informações”. O que, muitas vezes, pode causar desinteresse nos estudantes, ocasionando uma educação que não seja significativa e contextualizada. De acordo com Vieira (2014, p. 4):

É consensual no meio da Educação que métodos tradicionais de ensino apresentam baixa eficiência no que se refere a aprendizagem dos alunos. Tais procedimentos são baseados em aulas expositivas monológicas, com conteúdos expressos tais quais os livros didáticos, sendo a interação entre professor e alunos, e destes entre si, pouco explorada no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, essas aulas acabam gerando muita impaciência e exaustão por parte dos estudantes e também do professor que precisa lidar ao mesmo tempo da aula com crianças desinteressadas. Silva (1996, p. 8) ressaltou um pensamento a respeito do livro didático possuir um papel de importância e grande influência na sala de aula, se tornando até mesmo uma tradição do ensino escolar:

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro “didático”: comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ali inscritos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende.

É comum a educação não transformar o intelectual de forma crítica sem um ensino de qualidade. No decorrer da observação, notei que muitos educandos tinham um grande número de faltas e que se animavam mais quando as aulas tinham algo diferente, como tinta, filmes ou educação física, quando podiam brincar e exercitar-se. Com isso, até mesmo o professor se limita a aprender mais consigo mesmo e com seus aprendizes, aliás, educar e descobrir é aprender ao mesmo tempo que se ensina. Entendo que também não há um culpado nesse ensino metódico e, às vezes, desinteressante, pois muitos são os fatores que influem, desde a formação e valorização do professor até mesmo uma questão social.

3.2.2 Percepções acerca da inclusão no espaço escolar

A educação é um direito constitucional para todas as crianças, com deficiência ou não, parte desse direito um ensino de qualidade que proporcione o desenvolvimento integral do ser, reconhecendo suas especificidades e dificuldades, para isso, é necessário reconhecer sempre que todas as crianças possuem diferenças entre si, cada uma aprende de uma forma distinta, sendo os professores mediadores da educação, devem pensar em práticas educativas que abranjam a todos de forma significativa.

Na sala em que estagiei, estudavam duas crianças com Transtorno do Espectro Autista, um garoto que conseguia acompanhar as aulas sozinho e uma garotinha que era acompanhada pela educadora social, que ficava toda a aula com ela. Fui percebendo que a menininha não era incluída em nenhuma atividade que a turma fazia, nem mesmo de maneira adaptada, ela ficava horas andando pela sala, e quando a moça que a acompanhava a colocava para sentar sem sua vontade, ela continuava sem desenvolver nada, nenhum exercício pedagógico sobre qualquer questão ou conteúdo. Caminhava e pedia para sair da sala, tinha uma certa impaciência em ficar sentada ao lado da educadora, ela gostava de cantar e contar histórias que havia decorado com o tempo, pelas palavras ditas no decorrer da contação, acredito que aprendeu a partir de vídeos da internet que assistia em casa.

Notei que por mais que ela estivesse integrada naquele espaço, não desfrutava dos demais processos de ensino e aprendizagem a não ser a convivência escolar, ou seja, não estava inclusa de fato. E isso é um problema que, infelizmente, ainda constitui o espaço educacional, mesmo com inúmeras lutas em busca da inclusão efetiva na escola, garantindo bem mais que acesso, mas aprendizagens múltiplas além da diversidade, convívio, respeito, participação e interação. Por mais que ela estivesse ali presente todos os dias, não tinha uma participação efetiva e integral nas atividades e no desenvolvimento educacional que as demais crianças possuíam. Segundo a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994, p. 5) todos os educandos têm o direito de aprender e é função da escola inclusiva, garantir uma educação de qualidade independente das especificidades de cada criança:

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

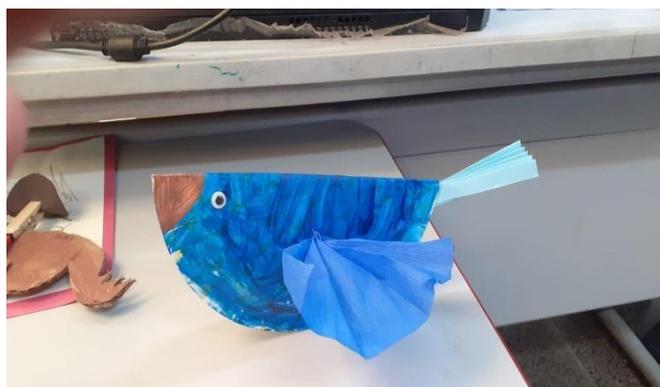
Lembro que mesmo a inclusão sendo um direito de todos, muitas vezes no ambiente escolar ela acaba não acontecendo de fato, através do estágio presenciei algumas situações em que fica visível, ao que intitulei de “exclusão dos já incluídos”. Na qual a criança tem acesso a instituição em si, mas não faz parte de forma integral do processo de ensino e aprendizagem escolar, o que de fato é um problema que não deveria estar acontecendo. Mantoan (2003, p. 31) ressaltou essa inclusão incompleta:

Não adianta, contudo, admitir o acesso de todos às escolas, sem garantir o prosseguimento da escolaridade até o nível que cada aluno for capaz de atingir. Ao contrário do que alguns ainda pensam, não há inclusão, quando a inserção de um aluno é condicionada à matrícula em uma escola ou classe especial. A inclusão deriva de sistemas educativos que não são recortados nas modalidades regular e especial, pois ambas se destinam a receber alunos aos quais impomos uma identidade, uma capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais.

Em alguns dias do estágio começou uma correria para finalizar as atividades do projeto das regiões em que já citei acima, com isso, a professora trouxe tintas e outros materiais para que as crianças produzissem o restante para a exposição. A partir disso, consegui analisar o quanto essa garotinha se sentia inquieta e que ela não iria realizar nenhuma dessas tarefas, então perguntei a professora regente se eu poderia tentar fazer com ela, dando o auxílio que fosse necessário, já que a educadora social ainda não havia chegado, ela me autorizou e então percebi o tamanho do potencial que ela tinha.

A primeira atividade era a criação de uma Gralha azul, uma ave nativa do sul, já que a região do projeto daquela turma era a sul. Sentei ao lado da criança e a ajudei, mas em nenhum momento fiz algo para ela, apenas dei assistência no processo. Ela amou mexer com tinta, às vezes, eu a permitia tocar com os próprios dedinhos e percebi que aquilo foi muito bom, ela se divertia e dava leves risadas, repetindo que queria mais tinta. Esse foi o resultado da sua arte (Ilustração 1):

Ilustração 1. Gralha azul.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Vale ressaltar que, as asas e o rabinho foram colados pelos adultos, não só a dela, mas de todos os aprendizes. Ela pintou sozinha o seu pássaro e a auxiliei na colagem dos olhinhos. A professora ficou visualmente feliz, e chegou a fotografá-la, quando pintava sozinha e concentrada. A seguir, a Ilustração 2 apresenta a mesma tarefa confeccionada por outra criança:

Ilustração 2. Gralha azul 2.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Nos dias seguintes continuamos nesse processo, e a atividade envolvia a confecção de cachos de uvas para o mural, cada criança fazia o seu cacho de uva com rolinhos de papel e cola, deveriam enrolar e colar até formar a fruta. Novamente me ofereci para ajudá-la e a professora bem mais animada que da primeira vez me permitiu com um sorriso no rosto. Esse foi o resultado a exposição final das uvinhas, e o da Criança1 como a chamei no início do relato também foi exposto no mural.

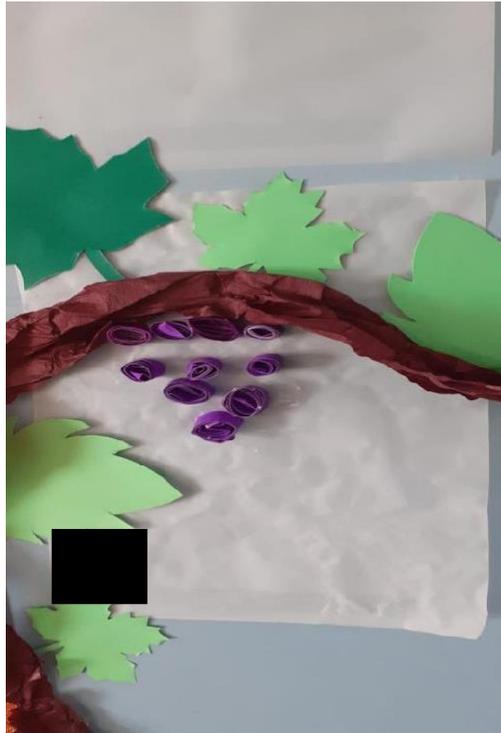
Ilustração 3. Painel de atividades – uvas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A seguir a imagem da uva da Criança1, o desenvolver dessa tarefa trouxe concentração para ela, algo que era difícil de manter, ela que enrolou seus próprios rolinhos, passou a cola e colou no papel, amava pegar na cola e a partir desse dia, me pedia cola sempre, gostava da textura em suas mãos, acredito que isso, facilitou muito no processo de atenção e realização do cacho de uva. O resultado dela:

Ilustração 4. Cacho de uva Criança1.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Pouco tempo após a realização dessa atividade, a educadora social chegou e a professora foi muito entusiasmada mostrar o resultado, acredito que a felicidade dela seria de surpresa e um certo orgulho da educanda. A moça que a acompanhava indagou “Ela que fez?”. Senti que essa frase era mesmo uma descrença da menina, como se ela não fosse capaz de fazer sozinha, mas foi.

Por último, construímos um cavalinho para a exposição e mais um dia ela ficaria ali sem fazer nada, quando cheguei na aula a professora já havia distribuído os materiais para toda turma, as tintas e pincéis. A menininha andava olhando em silêncio e assim que eu entrei na sala ela veio até mim, segurou minha mão e disse “Quero papel, folha, tinta” a voz dela me emocionou, percebi que ela queria fazer parte do todo, daquela experiência, a professora se surpreendeu e ficou animada com aquela fala. Pintou o cavalinho, as patas e fez os olhinhos; o chapéu e o pregador foram as professoras. Essa foi a atividade do dia:

Ilustração 5. Gauchinho Criança1.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A atividade de outra criança da turma:

Ilustração 6. Gauchinho.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Depois dessas experiências a professora me chamou para conversar e disse a seguinte fala “Sei que eu erro também, mas eu não consigo me dedicar pra ela e pra turma toda ao mesmo tempo, porque ela precisa de alguém do lado, em cima e por isso ela tem a educadora. Eu gosto muito dela (a educadora), mas eu sinto que ela não desenvolve e tem pouca paciência com a menina. Tive que fazer uma apostila de última hora, porque desde o início do ano ela não tinha feito nada, aí a diretora disse que ela teria que ter uma também, aí eu imprimi uma de última hora só pra não dizerem que não fez”. Essa apostila fazia parte do projeto das regiões e a garotinha não teria nada o que entregar para os pais, que seria fruto de um processo do ano todo.

No final do estágio, comecei a observar mais como era a relação entre a Criança1 e a educadora social, e não era boa, a moça chegou a dizer “Não sei pra que os pais mandam uma menina assim que não quer fazer nada pra escola, só pra dar trabalho pros outros mesmo”. Ela reclamava constantemente da garota e demonstrava falta de paciência. De acordo com Bueno (2009), nas atuais condições da educação brasileira, não existe a possibilidade de incluir crianças com deficiência no ensino regular sem apoio especializado, que ofereça aos professores dessas classes, orientação e assistência. A formação de professores é um assunto essencial quando se fala de inclusão, nota-se que muitas vezes algumas pessoas não possuem uma formação adequada para lidar com a diversidade educacional e isso é um grande problema a ser enfrentado. Todos precisam estar preparados para oferecer uma educação de qualidade sem distinção, não somente a professora, mas escola e todo o corpo que constitui a instituição. Alves (2009, p. 45, 46) relatou que para uma educação inclusiva mais efetiva:

O importante não é só capacitar o professor, mas também toda equipe de funcionários desta escola, já que o indivíduo não estará apenas dentro de sala de aula. [...] Alguém tem por obrigação treinar estes profissionais. Não adiante cobrar sem dar subsídios suficientes para uma boa adaptação deste indivíduo na escola. Esta preparação, com todos os profissionais serve para promover o progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas.

Ainda sobre essa temática, Mantoan (2003, p. 36) ressaltou o seguinte pensamento:

A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência e admitirmos que as escolas existem para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais capacitados e privilegiados.

Relacionado também a inclusão, Mantoan (2003, p. 30) salientou:

A inclusão também se legitima, porque a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente. Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos.

Existe uma grande necessidade do professor como mediador do ensino, buscar alternativas viáveis para cada estudante, de acordo com suas especificidades. Pode-se ressaltar a importância social, cultural e de desenvolvimento humano que a escola possui, levando em consideração que sua responsabilidade é de formação do ser que ali está, sem qualquer exclusão, possibilitando, uma educação de qualidade e que seja significativa para toda a vida dos estudantes.

Sendo assim, a escola tem por função social, a garantia do direito a educação, ao conhecimento, a formação intelectual e crítica, a socialização do conhecimento, além de contribuir para a construção do ser humano e da humanidade, sem exceção alguma. Cabe aos professores e todo o corpo escolar pensar formas e práticas pedagógicas que levem as aprendizagens para todas as crianças independentemente de suas especificidades.

3.2.3 Percepções acerca da educação lúdica, dos jogos e das brincadeiras

Desde o primeiro dia de estágio identifiquei que as crianças sentiam muita falta de momentos mais lúdicos nas aulas, devido a tudo que já relatei aqui deixei esse tópico como último por estar ligado com os dois primeiros. A educação lúdica faz parte de um ensino prazeroso e leve, em que as crianças se desenvolvam de forma divertida. Devido ao uso constante do livro didático e a correria do ano letivo, pude presenciar algumas crianças cansadas das tarefas e sem animação nas aulas. Acredito que o uso de jogos e brincadeiras faria total diferença no processo de ensino e aprendizagem e de inclusão daquela turma.

Um garoto de 10 anos me falou um dia, quando indaguei de forma sutil se eles brincavam nas aulas “Lembro que quando eu era pequeno a escola era mais legal, tinha várias brincadeiras e a gente aprendia de um jeito diferente, mas agora temos que estudar sério”. O ato de brincar pode promover inúmeros benefícios para o desenvolvimento das crianças, seja ele intelectual, social e cultural. Roloff (2010, p. 4) evidenciou sobre o brincar na educação “O brincar pode ser visto como um recurso mediador no processo de ensino e aprendizagem, tornando-o mais fácil. O brincar enriquece a dinâmica das relações sociais na sala de aula. Possibilita um fortalecimento da relação entre o ser que ensina e o ser que aprende”.

Sendo assim, trabalhando com a ludicidade em sua prática pedagógica o educador possibilita o envolvimento dos estudantes nos conteúdos e aprendizagens que utilizará no convívio social. As crianças durante as aulas perguntavam para a professora se iriam fazer algo de diferente, e ela respondia que não, logo elas falavam “Livro de novo”, percebi que

elas ficavam um pouco entediadas com aquela rotina maçante e ansiavam toda semana pela aula de educação física, que era com outra professora.

Nas aulas de educação física eles jogavam alguns jogos como queimada e brincavam de brincadeiras orientadas pela professora. Elas gostavam bastante, mas pude presenciar uma situação que mesmo contendo jogos e brincadeiras não se tornou um momento lúdico para uma estudante. A professora explicou uma brincadeira com a bola, o nome era golzinho, uma criança se recusou a jogar e ficou em um canto, mas a professora insistiu muito que ela jogasse, com um tom de obrigação, então a menininha brincou, mas não foi um momento lúdico para ela. Segundo Friedmann (1996, p. 56), é importante considerar o momento lúdico nas atividades:

Há um aspecto ao qual se deve dar especial atenção ao se trabalhar com o jogo de forma mais consciente: o caráter de prazer e ludicidade que ele tem na vida das crianças. Sem esse componente básico, perde-se o sentido de utilização de um instrumento cujo intuito principal é o de resgatar a atividade lúdica, sua espontaneidade e, junto com ela sua importância no desenvolvimento integral das crianças.

Na ludicidade, as atividades devem ser de caráter livre, para que uma brincadeira seja considerada lúdica a criança precisa escolher participar ou não. A depender da situação ou do momento algo que poderia proporcionar um momento alegre e educativo pode tornar-se um trauma, por isso, cabe ao professor procurar entender e conhecer sua turma, a fim de preparar atividades que envolvam todos os educandos. Em poucos minutos vagos no fim das aulas comecei a brincar com eles de jogo da forca, as vezes para correção de atividades e outras livres, esse momento se tornou uma alegria só, todos os dias eles perguntavam “Tia vamos jogar forca” “Hoje vai ter forca?” e foi possível perceber como simples atividades lúdicas possibilitam um grande interesse e participação por parte da turma. Ademais, atividades que não apresentam um peso muito grande de avaliação ou julgamentos, trazem mais diversão para a sala de aula.

Afonso e Abade (2013, p. 38) afirmaram que o jogo faz parte da capacidade humana de brincar e que produz a própria cultura, ressaltando sua importância das relações interpessoais.

Podemos deduzir que o jogo favorece os agrupamentos sociais, não somente porque agrega pessoas, mas porque pode facilitar, através de suas regras, a continuidade das relações, a autogestão dos sentimentos de hostilidade e de competição, a aprendizagem sobre o ponto de vista do outro e o respeito à alteridade. Os jogadores, além de seguirem regras e obterem satisfação, têm consciência, latente ou manifesta, de estar “fazendo de conta”.

Com isso, percebe-se como os jogos e as brincadeiras favorecem também na relação com o outro e na convivência, sendo um meio usado para a inclusão das crianças, adaptando-os, se necessário, possibilitam a interação e a resolução de problemas. Diversas pesquisas abordaram a temática, é inegável o papel dessas práticas educativas para o a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, como salientou Kishimoto (2010, p. 1):

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Com o decorrer dos dias no estágio, notei que jogos e brincadeiras na educação auxiliariam grandemente no processo de ensino e aprendizagem de todas as crianças, mas, em especial, da Criança1, que poderia participar de brincadeiras adaptadas promovendo uma maior inclusão na sala. É importante que o professor conheça seus alunos, suas diferenças para assim pensar atividades que abranjam a todos. Kishimoto (2010, p. 11) destacou: “A diversidade inclui a singularidade de cada criança. Não posso oferecer a mesma prática para todas: crianças diferem entre si, cada uma é diferente da outra, ainda que apresentem algumas características comuns a seus grupos culturais”. Então, pensar no coletivo é essencial, mas para isso é necessário analisar as individualidades de cada criança.

Conforme todas as situações aqui expostas e percebidas durante o estágio, o uso de jogos e brincadeiras proporcionariam um ensino mais atrativo e resolveria o impasse do livro didático, que acaba tirando a motivação dos estudantes. Além disso, seria útil no processo de inclusão e desenvolvimento das crianças autistas, auxiliando no crescimento integral dos educandos sem distinção. Diante disso, para Santos (2002, p.12), o lúdico é:

Uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser visto apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento.

Sendo assim, o processo da educação lúdica, vai muito além de se divertir, mas abrange diversos âmbitos na vida dos estudantes, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem e nas experiências educacionais como um todo, proporcionando vivências escolares leves e significativas.

3.2.4 Prática pedagógica utilizando o jogo

Com auxílio das observações e a pedido da professora de realizar uma atividade que trabalhasse as quatro operações matemáticas, pude realizar uma atividade com a turma. Precisava ser uma tarefa que não ocupasse tanto tempo e que fosse significativa para os estudantes, percebi que eles sentiam falta de momentos mais atrativos e descontraídos, confesso que tive que pensar bem rápido na atividade, pois já nos primeiros dias de estágio a professora da classe me solicitou isso, já que ela precisaria resolver algumas pendências durante a aula, na sala mesmo, em seu computador.

A atividade foi desenvolvida em grupos justamente para que houvesse interação entre eles e auxílio durante a atividade, assim cada criança poderia ajudar e tirar dúvidas com o próprio colega, gerando uma troca de experiências e saberes.

Portanto, desenvolvi um jogo chamado de bingo matemático, e a aplicação foi um sucesso, muitas risadas e animação, as crianças se concentraram de um jeito que me surpreendi. Depois dessa experiência de regência os educandos sempre que me viam perguntavam: “Vai ter bingo de novo?”. “Vamos fazer bingo tia, só mais uma vez?”. E essas frases me deixaram feliz, por mais que tenha sido uma atividade desenvolvida de forma rápida e no início do estágio, na qual eu ainda não conhecia bem a turma, ocorreu com sucesso. Para a Criança1 que ainda não era alfabetizada e como naquele momento não há conhecia bem, pedi a ela que me auxiliasse no sorteio de todo o bingo, ela balançava e tirava a fichinha, foi um momento divertido e ela não ficou de lado, pode participar mesmo que de maneira diferente dos outros, ela estava ali, fazendo parte. Confesso que se essa atividade tivesse sido planejada com mais tempo de conhecimento e contato com os estudantes, eu a faria diferente, na qual procuraria inserir mais ainda a Criança1 de forma efetiva e significativa para ela. O decorrer da atividade está descrito por completo no plano de aula (ver Apêndice).

PARTE 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender e entender mais sobre a potência que as práticas lúdicas através de jogos e brincadeiras possuem para o desenvolvimento de todas as crianças permite afirmar a importância e necessidade de uso dessas ações educativas nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino fundamental, não se restringindo à Educação infantil. Dessa forma, essa pesquisa possibilitou um olhar para a relevância do lúdico nos processos de ensino e aprendizagem como essencialidade da construção cognitiva, social, pessoal e física dos estudantes, tornando assim, um ensino mais leve, prazeroso e divertido. Vale ressaltar que assim como educar o brincar é um direito, e pode ser utilizado como instrumento pedagógico para que nessa junção haja uma educação de qualidade.

Por meio de uma aprendizagem rodeada de amizade, respeito, escuta e empatia o ensino se torna mais leve e satisfatório, gerando mais interesse e confiança por parte dos educandos, envolvendo o educador e seus estudantes em uma educação significativa e emancipatória. Sendo assim, o processo de escuta e acolhimento é fundamental dentro da escola, promovendo um ambiente amoroso e completo, que seja capaz de participar do desenvolvimento integral de cada aprendiz.

Para se adquirir um ensino contextualizado de modo lúdico, o trabalho pedagógico necessita traçar caminhos em que a teoria e a prática se relacionem com a realidade dos aprendizes. Para isso, o papel do professor como um mediador dos conhecimentos consiste em planejar práticas relevantes em relação ao lúdico, agindo com ações que podem tornar as crianças protagonistas de sua própria aprendizagem, ademais essa mediação deve partir sempre do princípio inclusivo, adentrando todos sem qualquer distinção. Portanto, para isso é necessário que o professor conheça seus estudantes, e que estabeleça relações de respeito, carinho, escuta e acolhimento.

Nesse sentido, esta pesquisa apresentou o intuito de buscar fundamentos de referencial teórico acerca de alguns temas que rodeiam a prática educativa, podendo ser uma ferramenta de colaboração, igualmente a outros estudos afins, sendo possível analisar estudiosos da área e documentos.

Por fim, a pesquisa instiga algumas indagações a respeito da educação. Todos os profissionais da educação possuem formação e estão preparados para atuar em diferentes contextos e com todas as individualidades? O ensino escolar tem abrangido de fato os estudantes em suas totalidades? As atividades propostas possuem sempre planejamento e são aplicadas com intencionalidade? Afinal, o que ocorre hoje é inclusão ou integração?

PARTE 5 PERSPECTIVAS FUTURAS

Minha caminhada até aqui não foi nada fácil, entre choros e sorrisos estou saindo de uma longa estrada de conhecimentos, aprendizagens e momentos que guardarei para sempre. Entendo que tudo que vivenciei na minha formação em Pedagogia jamais será esquecido, não saio da universidade a mesma Loyane de antes, mas agora uma jovem mulher que pretende se esforçar cada vez mais para educar crianças com amor, carinho, empatia, alegria e leveza, aliás, o que seria a educação se não se basear-se nesses pilares? Escrevo minhas perspectivas com lágrimas escorrendo pelo rosto, tenho a maior certeza de que tudo valeu a pena.

Nesses anos pude me desenvolver como pessoa e como futura professora com educadores incríveis, que me inspiram e carregam minha enorme gratidão, agradeço a Deus pela vida de cada um, pois sei que educar futuros docentes não é uma tarefa fácil, e todos fizeram seu papel com excelência.

Ao escrever cada palavra, o choro vem, não consigo conter, mas felizmente são lágrimas de felicidade e agradecimento. Daqui pra frente só quero poder oferecer o meu melhor a todas as crianças ou adultos em seus processos de ensino e aprendizagem, é uma promessa que fiz para mim mesma, desde pequena, que cresceria e seria uma boa professora.

Todavia, para isso, tenho algumas perspectivas futuras que agora buscarei realizá-las. Despeço-me da universidade com o desejo de iniciar minha carreira como docente, prestando o próximo concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Serão meus objetivos como educadora, inicialmente, trabalhar nos anos iniciais do Ensino fundamental ou na Educação infantil, mas sei que vou querer experienciar outras etapas, como a educação de jovens e adultos, sou curiosa, e a educação em si é cheia de surpresas a serem vividas, não pretendo me limitar a nada.

Além disso, pretendo estudar sempre mais, seguindo na área de pesquisa, fazendo pós-graduação, mestrado e quem sabe até mesmo um doutorado sobre ludicidade. No entanto, inicialmente, quero me dedicar a entrar na sala de aula como professora o mais próximo que eu conseguir.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. **Jogos para pensar: educação em direitos humanos e formação para a cidadania**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ALVES, Fátima. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

BALISKI, Patricia. **Encaminhamentos metodológicos para o ensino de geografia**. Curitiba: InterSaberes, 2016.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 57-70.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 dez. 2022.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 v. 3 e 2.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 18 dez. 2022.

BUENO, José Geraldo Silveira. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, MS, v. 3, n. 5, p. 7-25, 2009.

CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira; SOUZA, Amaralina Miranda. Escuta sensível: o que é? Escuta Sensível em Diferentes Contextos Laboriais. In: CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira (Org.). **(Con)Textos em Escuta Sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 15-52.

DICIONÁRIO PRIBERAM. "**brincar**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/brincar>. Acesso em: 15 nov. 2022.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento do Distrito Federal, Ensino Fundamental**. Brasília: SEEDF, 2018. Disponível em: https://cdn.sinprodf.org.br/portal/uploads/2021/05/03162241/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ens-fundamental_19dez18.pdf. Acesso em: 29 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

GONÇALVES, Ruth Grossmann. **O emprego do livro didático de matemática no ensino fundamental da rede pública estadual**. 2007. 40f. Monografia (Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.

HENDLER, Vanícia Behenck. **O lúdico nas primeiras séries do ensino fundamental**. 2010. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**. Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/USER/Downloads/2.3_brinquedos_brincadeiras_tizuko_morchida.pdf. Acesso em: 19 jan. 2023.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

LIMA, Lidinéia Rezende Santos; LIMA, Lucilene Rocha de Carvalho; NASCIMENTO, Silvia Stefany da Mata; SANTOS, Israel Serique dos. A importância da ludicidade na educação infantil: utilizando jogos e brincadeiras. **Revista Científica da Fac. Unicamps**, Goiânia, p. 2-25, jan. 2021. Disponível em: https://facunicamps.edu.br/cms/upload/repositorio_documentos/263_A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20LUDICIDADE%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20UTILIZANDO%20JOGOS%20E%20BRINCADEIRAS.pdf. Acesso em: 31 out. 2022.

LOPES, Maria da Glória. **Jogos da educação: criar, fazer, jogar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade**, Salvador, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. Coletânea Educação e Ludicidade - Ensaio 02, GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faced/UFBA. **Educação e Ludicidade. Ensaio**, Salvador, Bahia, n. 2, p. 22-60, 2002. Disponível em: [http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas\(1\).pdf](http://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas(1).pdf). Acesso em: 18jan. 2023.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MOURA, Alanna Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima dos; MARCHESINI, Anna Lúcia Sampaio. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 24-38, jan./jun. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-03072021000100003. Acesso em: 31 out. 2022.

MUNIZ, Cristiano Alberto. **Brincar e jogar: enlaces teóricos e metodológicos no campo da educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança**. 1959. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

PRESTES, Zoia. A brincadeira de faz de conta e a infância. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28-39, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/A-BRINCADEIRA-DE-FAZ-DE-CONTA-E-A-INF%C3%82NCIA.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

RODRIGUES, David António. O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível. **Revista Inclusão**, v. 1, p. 7-13, 2000.

ROLOFF, Eleana Margarete. A importância do lúdico em sala de aula. In: Semana de Letras, 10, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Edipucrs; 2010. p. 1-9.

RUFINO, Terezinha Clementino da Silva. **O lúdico na sala de aula em séries iniciais do ensino fundamental**. 2014. 39 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Ezequiel Teodoro. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In: – O livro didático e qualidade de ensino. **Em Aberto**, Brasília: Inep, v. 16, n. 69, p. 11-15, jan./fev. 1996.

SILVA JUNIOR, Clovis Gomes da; RÉGNIER, Jean-Claude. Critérios de adoção e utilização do livro didático de Matemática no Ensino Fundamental do nordeste brasileiro: estudo exploratório baseado na análise estatística. In. Encuentro Internacional de Análises Estadísticas Implicativas, 4, 2007. **Anais do ASI4**. Castellón (España): Universidad Jaume I, 2007, p. 1-17.

TUNES, Elizabeth; TUNES, Gabriela. O adulto, a criança e a brincadeira. **Em Aberto**, Brasília, v. 18, n. 73, p. 78-88, jul. 2001. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3038>. Acesso em: 18 out. 2022.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Brasília: Unesco, 1994.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da geografia: novos caminhos da geografia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Caminhos da Geografia**. 5. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEIRA, Alex Soares. **Uma alternativa didática às aulas tradicionais**: o engajamento interativo obtido por uso do método *peer instruction* (instrução pelos colegas). 2014. 235 f. Dissertação (Mestrado em Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VIEIRA, Lygianne Batista; MOREIRA, Geraldo Eustáquio. Direitos humanos e educação: o professor de matemática como agente sociocultural e político. **Revista de Educação Matemática**, [S. l.], v. 15, n. 20, p. 548–564, 2018. DOI: 10.25090/remat25269062v15n202018p548a564. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/174>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. Obras completas. Tomo cinco: **Fundamentos de Defectologia**. Havana: Editorial Pueblo Y Educación; 1989.

APÊNDICE

Plano de aula

Objetivo geral

Estimular e desenvolver o raciocínio lógico matemático por meio de um bingo da matemática que reforce o sentido da utilização das quatro operações fundamentais na resolução de maneira significativa de situações problemas.

Objetivos específicos

- Trabalhar com as quatro operações fundamentais;
- Desenvolver processos de estimativa, cálculo mental e tabuada;
- Resolver problemas por meio do cálculo e raciocínio rápido;
- Responder situações problema oralmente;

Conteúdos

- Raciocínio lógico;
- Formulação, interpretação e resolução de situações problemas envolvendo adição, subtração, multiplicação e divisão;
- Cálculo mental;
- Atividade lúdica envolvendo os conceitos e operações matemáticas estudados;

Contextualização do tema

No primeiro momento, haverá uma conversa coletiva com os estudantes e serão feitas perguntas introdutórias a fim de saber um conhecimento prévio sobre bingo. Perguntas como: Vocês sabem o que é bingo?

Já participaram de algum?

Como funciona?

Procedimentos metodológicos

No segundo momento será explicado como acontecerá o bingo, as regras, os procedimentos e a importância da utilização do raciocínio rápido das quatro operações no dia a dia. Em seguida, os alunos serão separados em trios e/ou duplas e receberão a cartela

do bingo para que eles próprios construam. A cartela contém 16 espaços em branco e será instruído que cada estudante escolha números de 5 a 50 e preencham as cartelas de bingo. Após o momento de construção, cada estudante terá então uma cartela diferente do colega, e então começará o jogo. A turma será informada que é imprescindível a ajuda e a coletividade deles uns com os outros na resolução dos problemas e em possíveis dúvidas.

A professora apresentará o potinho que contém as placas com as operações (ex: $9 \times 5 = ?$) que serão sorteadas nas rodadas e solicitará à turma que pensem no resultado e com isso, desconstruam e construam o processo matemático das quatro operações mentalmente e oralmente, respondendo e marcando os resultados que correspondem à operação sorteada no momento em seu cartão. Quem preencher a cartela primeiro grita bingo e será o primeiro ganhador. Em seguida, o jogo continuará até todos os outros ganharem também. No decorrer do jogo, caso apareçam dúvidas de alguma operação, será resolvida juntamente com toda a turma no quadro. Ao final, acontecerá uma conversa, a fim de saber o que os alunos acharam da atividade, o que foi ou não legal, o que eles aprenderam e o que poderia mudar em um próximo bingo.

Avaliação da aprendizagem

A avaliação será processual e contínua levando em consideração a participação dos alunos, a oralidade, a construção das tabelas e resolução dos problemas matemáticos. O principal critério de avaliação é a participação do estudante nas atividades propostas.

Recursos

- Tabela do bingo;
- Lápis de cor;
- Lápis de escrever;
- Canetinha colorida;
- Pote com problemas das quatro operações matemáticas;
- Quadro branco e pincel;

Cronograma

- Explicação do tema – 5 minutos;
- Explicação da atividade do conteúdo – 15 minutos;
- Construção da cartela – 15 minutos;
- Hora do bingo – 45 minutos;
- Feedback – 5 minutos.

Cartela do bingo**BINGO DA MATEMÁTICA**

Escolha 16 números de 5 a 50
